Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Patrícia Dina Guedes dos Santos

O Seminarista: a representação do seminário e dos seminaristas na obra de Bernardo Guimarães e Rubem Fonseca

Rio de Janeiro

2020

Patrícia Dina Guedes dos Santos

O Seminarista: a representação do seminário e dos seminaristas na obra de Bernardo Guimarães e Rubem Fonseca

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Bernardo Krause

Rio de Janeiro

2020

CATALOGAÇÃO NA FONTE

UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

S237 Santos, Patrícia Dina Guedes dos.
O seminarista: a representação do seminário e dos seminaritas na obra de Bernardo Guimarães e Rubem Fonseca / Patrícia Dina Guedes dos Santos. – 2020.
91 f.

Orientador: Gustavo Bernardo Krause.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Guimarães, Bernardo, 1825-1884 – Crítica e interpretação – Teses. 2. Guimarães, Bernardo, 1825-1884. O seminarista - Teses. 3. Fonseca, Rubem, 1925-2020 – Crítica e interpretação - Teses. 4. Fonseca, Rubem, 1925-2020. O seminarista - Teses 5. Duplos na literatura – Teses. 6. Seminários teológicos – Teses. 7. Seminaristas – Teses. I. Bernardo, Gustavo, 1955. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 869.0(81)-95

Bibliotecária: Mirna Lindenbaum. CRB7 4916

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

_____ _____

Assinatura Data

Patrícia Dina Guedes dos Santos

***O Seminarista:* a representação do seminário e dos seminaristas na obra de Bernardo Guimarães e Rubem Fonseca**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Literatura.

Aprovada em 21 de setembro de 2020.

Banca Examinadora:

_____

Prof. Dr. Gustavo Bernardo Galvão Krause (Orientador)

Instituto de Letras - UERJ

_____

Prof. Dr. Flávio Martins Carneiro

Instituto de Letras - UERJ

_____

Profª. Dra. Martha Alkimin de Araújo Vieira

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2020

DEDICATÓRIA

A minha família que tanto me apoiou e mostrou que eu sou capaz, eu dedico todas as vitórias.

A minha filha Isabel que me acompanhou dentro da barriga e no colo ao longo do mestrado, dedico esta dissertação. Meu amor é todo seu!

AGRADECIMENTOS

A todos os excelentes professores da UERJ que sempre me ajudaram e me incentivaram.

A meu orientador, Gustavo Bernardo, que acreditou no meu potencial antes de mim mesma. Sua insistência e persistência foram fundamentais. Seu olhar minucioso e atencioso são bênçãos divinas.

RESUMO

SANTOS, Patrícia Dina Guedes dos. *O Seminarista:* a representação do seminário e dos seminaristas na obra de Bernardo Guimarães e Rubem Fonseca. 2020. 91 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Letras. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

As obras intituladas *O Seminarista* dos autores Bernardo Guimarães e Rubem Fonseca proporcionam reflexões sobre o papel do seminário na literatura brasileira. Os desdobramentos ocasionados pela construção dos personagens seminaristas é importante na realização de indagações a respeito da representação do seminário nas narrativas literárias bem como na sociedade. Percebe-se que é atuante a duplicidade dentro das obras visto que elas possibilitam tecer considerações acerca da dualidade da função do seminário nos enredos e das atitudes dos personagens seminaristas. Além disso, é necessário compreender os conflitos internos à história que corroboram para conclusões sobre o desempenho e concepção da Igreja Católica, sobre as intertextualidades da temática, o moralismo ético, social e religioso como também sobre o entendimento de pertencer a um mundo contraditório. Objetiva-se, portanto, a compreensão da construção das imagens dos personagens e da instituição religiosa como fatores determinantes para fomentar o imaginário do seminário nas narrativas e as consequências da privação de sentimentos e desejos originados pelo celibato. Tal reconhecimento colabora para o entendimento da construção de enredos desenvolvidos em épocas e gêneros diferentes e com pontos de vista diversos.

Palavras-chave: Seminário. Seminarista. Duplo.

RÉSUMÉ

SANTOS, Patrícia Dina Guedes dos. *O Seminarista* : la représentation du séminaire et des séminaristes dans l'œuvre de Bernardo Guimarães et Rubem Fonseca. 2020. 91 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Letras. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020

Les ouvrages intitulés Le Séminariste des auteurs Bernardo Guimarães et Rubem Fonseca fournissent des réflexions sur le rôle du séminaire dans la littérature brésilienne. Les développements causés par la construction de personnages séminaristes sont importants dans la réalisation des questions sur la représentation du séminaire dans les récits littéraires ainsi que dans la société. On perçoit que la duplicité est active dans les œuvres puisqu'elles permettent de prendre en compte la dualité de la fonction du séminaire dans les intrigues et les attitudes des personnages séminaristes. En outre, il est nécessaire de comprendre les conflits internes à l'histoire qui corroborent les conclusions sur l'exécution et la conception de l'Église catholique, sur les intertextualités du thème, le moralisme éthique, social et religieux ainsi que sur la compréhension de l'appartenance à un monde contradictoire. Par conséquent, l'objectif est de comprendre la construction des images des personnages et de l'institution religieuse comme facteurs déterminants pour favoriser l'imaginaire du séminaire dans les récits et les conséquences de la privation de sentiments et de désirs à l'origine du célibat. Cette reconnaissance contribue à la compréhension de la construction d'intrigues développées à différentes époques et genres et avec des points de vue différents.

Mots-clés: Séminaire. Séminariste. Double.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....8

1 **OS SEMINARISTAS**.....9

1.1 ***O Seminarista*, de Bernardo Guimarães**.....9

1.2 ***O Seminarista*, de Rubem Fonseca**.....24

1.3 **Anjo bom ou anjo mau?**.....40

2 **A REPRESENTAÇÃO DO SEMINÁRIO**.....45

2.1 **O celibato**.....45

2.2 **A polifonia do seminário** 56

2.3 **O seminário: entre o sagrado e o profano**.....68

3 **O DUPLO**.....77

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....90

REFERÊNCIAS.....92

INTRODUÇÃO

O estudo da representação do seminarista em minha trajetória acadêmica teve início na Iniciação Científica durante a graduação na UERJ. Junto ao meu orientador, percebemos que o personagem seminarista e o local de formação eclesiástica – o seminário – despertam uma série de indagações que perpassam aspectos cruciais da sociedade, como a moral e a ética. Tais elementos estão presentes em cada capítulo desta dissertação, colaborando para outros questionamentos.

As obras que geraram estas reflexões apresentam o mesmo título e a mesma intenção: analisar criticamente a atuação dos dogmas católicos na vida de pessoas que acabam por sofrer com as hipocrisias religiosas. As narrativas brasileiras *O Seminarista*, de Bernardo Guimarães, de 1872, e *O Seminarista*, de Rubem Fonseca, de 2009, possuem construções discursivas que evidenciam as seguintes dimensões: estereótipos difundidos, principalmente, pela sociedade cristã, as consequências de uma repressão originada pelo celibato clerical e a dualidade provocada pelo seminário nas construções narrativas.

Aliar religião e literatura significa gerar discussões que vão além das próprias narrativas. Significa pensar sobre como e por quem é feita a religião e como ela é aplicada e julgada para homens e mulheres. A mudança de perspectiva dos personagens, da narração, da recepção, da falsa ideia do objetivo inicial e da linguagem nas duas obras permite explorar como tais ângulos são abordados sob nuances particulares.

O primeiro capítulo pretende aumentar o campo de visão sobre as estratégias discursivas relacionadas ao seminário e aos personagens seminaristas na obra de Bernardo Guimarães e Rubem Fonseca. Como há mais obras compostas de ex-seminaristas importantes para a literatura e para a minha pesquisa, dialogarei também com os textos de *O Crime do Padre Amaro* e *Dom Casmurro*. No segundo capítulo, há considerações sobre o seminário que são importantes para entender o potencial de atuação da Igreja Católica e de seus representantes. Para isso, vamos nos valer das publicações de dois padres: um que defende a perfeição clerical e outro que ataca o celibato católico. Além disso, há uma análise sobre os elementos

textuais que configuram as estratégias discursivas para observamos que os recursos utilizados estão dispostos estrategicamente — eles tornam perceptível a linha tênue em que se encontra o seminário, o qual pode ser comparado ao purgatório pelo seu limbo de sentimentos e medo. Por fim, mediante o estudo comparativo, procura-se salientar que os personagens são reflexos um do outro e que, portanto, mostram uma dualidade pertinente ao tema. Ser duplo é transparecer em outro ambiente com características semelhantes, que possibilitam a reflexão dessa semelhança e o porquê de elas se tornarem tão aparentes.

Para embasar as considerações sobre o tema, recorri a alguns teóricos. De referências na crítica literária, como Alfredo Bosi e Vera Lúcia Follain, a estudiosos da religião, história e a psicologia, como representantes católicos e Mary Del Priore, as discussões são fornecidas para que haja um melhor entendimento e se forneça um campo de visão amplo sobre a temática do seminário, bem como suas consequências. Desse modo, intenciona-se fundamentar todos os questionamentos derivados da construção discursiva seminarista.

Portanto, trata-se de um trabalho para pensar sobre o duplo diante das questões celibatárias e da construção de personagens seminaristas, bem como sobre o lugar de julgamento em que vivemos cotidianamente, até dentro da nossa própria rotina. Tais percepções são relevantes para a discussão de um aspecto singular da literatura: a influência do imaginário cristão.

1 **OS SEMINARISTAS**

1.1 **“O Seminarista”, de Bernardo Guimarães**

Bernardo Joaquim da Silva Guimarães, Bernardo Guimarães, foi um escritor nascido na cidade de Ouro Preto, Minas Gerais, no ano de 1825. De família burguesa local, ele se formou em Direito, porém inicia suas críticas literárias no jornal *Atualidade* em 1860 e escritas literárias em 1852, com a publicação do seu livro de poesias “*Cantos da Solidão”*.

Devido ao seu estilo e temática, Bosi direciona-o ao período literário do Romantismo. Os “*clichês paisagísticos*” (Bosi, 2006, p. 150), a descrição excessiva e amorosidade dos personagens tornam o escritor ouro-pretano um romântico regionalista. Homem de “*padrões culturais europeus refletidos na Corte*”[1] (Bosi, 2006, p. 96) devido a sua formação e convivência com os membros da burguesia, Bernardo Guimarães transpõe na sua narrativa aspirações burguesas e religiosas e a segregação social. De forma sutil, traz luz a algo obscuro que ocorria na sociedade cristã: a atuação da Igreja Católica no imaginário e na participação social. Tema que foi já debatido e exposto em várias narrativas, como “O Crime do Padre Amaro” e “Euríco, o Presbítero”, mas, dessa vez, invoca a formação de jovens que estão no caminho eclesiástico, ou seja, o seminário.

Ednaldo Cândido[2] expõe que Bernardo Guimarães executou etapas ao realizar suas críticas literárias. Ainda que sejam passos do momento em que publicava no jornal, eles se mostram condizentes e significativos para a compreensão da narrativa contida na sua obra “*O Seminarista*”:

> [...] o primeiro passo [...] é a conceituação da obra analisada; o segundo momento pertence à historicidade do problema; vem depois, a análise mordaz com apontamentos literários na descrição de escolhas ineficientes; por fim, certas condolências com o criticado (Gomes, p.6).

---

[1] Bosi (2006, p.96) cita diversos autores que tiveram formação acadêmica, influências e conhecimentos da Corte.

[2] No ensaio do autor Ednaldo Cândido, há a abordagem da sua escrita crítica ao jornal “Atualidade”. Apesar de ser voltado somente as atividades literárias no jornal, seu método de análise se assemelha bastante a sua escrita no romance em questão.

Por meio de um estilo romântico, o autor aborda as controvérsias católicas utilizando um amor de infância para atacar, sutilmente, os preceitos religiosos, e finalmente expor as consequências da repressão amorosa, sexual e religiosa. Seguindo essas disposições, em 1872, ocorre a publicação de *O Seminarista*. Personagens ingênuos e manipuladores e a idealização de um amor quase impossível por ser cheio de obstáculos moldam uma narrativa que tem como pano de fundo o celibato clerical e as atitudes conflituosas de representantes da instituição religiosa católica. Com o mesmo raciocínio, Bruno Lima (2015)[3] explicita os dois lados dessa obra

> [...] Bernardo Guimarães escreve um livro que pode ser lido de duas formas: a primeira e mais ingênua, como um enaltecimento da religião católica; a segunda e mais oportuna, justamente como uma crítica a essa mesma religião, em especial ao celibato clerical (Lima, 2015, p. 403).

A construção do discurso narrativo vai de encontro às imoralidades praticadas pelos religiosos. Pedofilia, mentiras, relacionamentos amorosos e até filhos são apenas alguns casos que ocorriam no meio clerical durante o período imperial. Tais fatos trouxeram questionamentos sobre o celibato e sobre uma conduta exemplar dos padres tais como são vistos na obra e serão abordados nesta dissertação.

Majoritariamente acima dos pecados cometidos, estava a ascensão de se tornar padre. Sinônimo de status social, ser representante de Deus ligava-se à forte presença e atuação da Igreja Católica na sociedade em geral, como a política. A simbologia da conduta moral e ética perpassava pelas orientações dos sacerdotes. Embora eles não fossem fielmente exemplos de seres puros e devotos, divulgavam-se na sociedade a beleza e o poder que é se tornar e ser padre. Escolher servir a Deus era visto como um caminho de vida imaculado devido à abstenção de prazeres mundanos, como o sexo e a gula. Diante disso, era comum que famílias predestinassem seus filhos à servidão clerical ainda que não fosse a vontade deles.

Nesse contexto, encontra-se Eugênio, não por coincidência seu nome se assemelha bastante ao adjetivo que mais o caracteriza – ingênuo. O protagonista da obra é um menino inocente e sem malícia, que cresce próximo a uma agregada da casa, Margarida. Desde a infância, o menino possuía características bem semelhantes à imagem de Jesus vinculada no Ocidente: “O rapaz era alvo, de

[3] Em 2015, Bruno Lima, hoje doutor em Literatura Comparada, publicou um artigo, que abordou a crítica à religião na obra de Be
rnardo Guimarães e Rubem Fonseca, ambas intituladas *O Seminarista*.

cabelos castanhos, de olhar meigo e plácido e em sua fisionomia como em todo o seu ser transluziam indícios de uma índole pacata, doce e branda" (Guimarães, 1985, p. 9). Já sua amiga é descrita com qualidades que permitem a imaginação de seu aspecto físico: "A menina era morena, de olhos grandes, negros e cheios de vivacidade, de corpo esbelto e flexível como o pendão da imbaúba" (Guimarães, 1985, p. 9). A descrição física da menina corrobora para a construção do estereótipo feminino de ter suas qualidades físicas antepostas a qualquer outra qualidade. Esse estereótipo do menino religioso e da menina sedutora permite que haja uma discussão sobre o papel do homem e da mulher na sociedade da época tendo em vista que os dogmas católicos norteiam todos os campos. Os estereótipos possibilitam uma predefinição e

> [...] definem o mundo mediante os códigos que a cultura lhes oferece para interpretá-lo e só depois o observam. Por essa, o estereótipo traria em si já uma função conservadora, defendendo os códigos culturais e as posições sociais do mundo circundante contra os grupos sociais que lhes ameacem (Portela, 2016)[4]

Esses códigos são importantes na narrativa visto que são eles os responsáveis pelas atitudes dos personagens. O discurso de que a mulher é a responsável por atrair o homem (seja padre ou não) e desvirtuá-lo do caminho divino era consideravelmente comum, como ainda é até a atualidade. O grupo social que alimenta esse discurso é dos homens que, na obra, são representados pelos padres e pelo pai de Eugênio e também pelas mulheres conservadoras e beatas representadas pela mãe do protagonista, senhora Antunes. As posições sociais e os ideais desse grupo acreditam na força sedutora e, consequentemente, ardilosa da mulher.

Percebe-se essa conjuntura no início do segundo capítulo. A menina é comparada a Eva, mulher que veio da costela de Adão e a responsável pela desgraça humana segundo o *Gênesis*, ao simpatizar com "*uma formidável e truculenta jararaca*" (Guimarães, 1985, p. 14) que aparecera no quintal da casa. Por meio libidinosos, como a sedução e a luxúria, a menina poderia desvirtuar aquele que já estava no caminho da salvação, ou seja, de Deus. O narrador coloca duas

[4] Portela (Disponível em: adrianoportela.wordpress.com/2016/04/21/o-personagem-padre-como-anti-heroi-nos-romances-realistasnaturalistas-luso-brasileiros) publicou o artigo com o intuito de considerar a identidade e representação dos padres na literatura naturalista/realista. O estereótipo dos padres é um estigma na sua atuação na narrativa os quais são retratados como o reflexo da imoralidade.

percepções lado a lado para que fique evidenciado como se criou um imaginário sobre o que é exposto na Bíblia:

> A cobra enrolava-se em anéis em volta a criança, lambia-lhe os pés e as mãos com a rubra e farpada língua, e dava-lhe pequenas pancadas com um pauzinho que tinha na mão, sem que o hediondo animal se irritasse e lhe fizesse a mínima ofensa. Se o Gênesis não nos apresentasse esse terrível réptil como cheio de astúcia e malícia seduzindo a primeira mãe da humanidade e fazendo-a perder para si e para toda a sua descendência as delícias do paraíso terreal, dir-se-ia que até a serpente tem seus impulsos generosos e também sabe respeitar a fraqueza e a inocência da infância." (Guimarães, 1985, p. 14)

A afirmação do narrador permite que se entenda o poder do imaginário católico nas pessoas quando se fala de uma cobra e uma mulher dando-nos concessão de acreditar que a maldade está nos olhos de quem vê já que a menina era apenas uma criança no momento do fato. Tal construção discursiva evidencia que "*por um lado seu discurso afina-se com os preceitos católicos, mas, por outro, nas entrelinhas, o critica severamente*." (Lima, 2015, p. 404)

A mãe de Eugênio, típica mulher religiosa do interior, pressentiu que o aparecimento da cobra pode ter sido um sinal de mau agouro já que ela "tinha o espírito propenso a acreditar em superstições" e "teimava em ver naquilo um sinistro prenúncio, que ela mesma não sabia explicar" (Guimarães, 1985, p. 17). E ela não estava errada: Margarida e seu filho já estavam encantados um pelo outro, algo que ultrapassa a amizade. Um ser doce e encantador, que é descrito pelas adjetivações românticas, atrairia facilmente um ser ingênuo, como o filho da senhora Antunes: "*Margarida, por sua graça e gentileza, extrema docilidade e precoce vivacidade, era mui querida de todos, e inseparável de Eugênio*" (Guimarães, 1985, p. 17). A construção da imagem da personagem, por meio das palavras "graça", "gentileza", "docilidade" e "vivacidade", induz à concepção de uma menina agradável e sem malícia. Sua imagem é construída por meio de uma antagonia: pureza e cinismo.

As construções discursivas vão novamente ao encontro do estereótipo, mas dessa vez religioso. O menino é enviado por ter o pendor às atividades oratórias. Ora, numa época em que as famílias iam rigorosamente às igrejas e que era extremamente perceptível a influência do catolicismo na rotina das famílias, nada mais comum do que uma criança brincar ou até mesmo ter atitudes inspiradas nas missas. Nota-se a descrição desses afazeres quando o narrador torna claro que se tratava de "entretenimento" e não um chamado divino

> Seu principal entretenimento, depois de Margarida, cuja companhia preferia a tudo, era um pequeno oratório, que zelava com extremo cuidado e trazia sempre enfeitado de flores, pequenas quinquilharias e ouropéis. Diante desse oratório, o menino se extasiava fazendo o papel de capelão, rezando terços e ladainhas e celebrando novenas com a regularidade e com uma gravidade verdadeiramente cômica [...] (Guimarães, 1985, 21)

É indiscutível que se tratava de uma brincadeira visto que ele deixava a tarefa para ficar com sua companheira de infância. Crianças repetem tudo que escutam e veem, logo não seria surpresa uma criança, nascida no berço extremamente católico, brincar de padre. Mas, seus pais não enxergavam ingenuidade nesse ato e se deparam novamente com o estereótipo da devoção da carreira de padre o qual era vinculado com bastante ardor na sociedade e visto como uma divindade pelas devotos mais cegos. Eles "entenderam que o menino tinha nascido para padre, e que não deviam desprezar tão bela vocação. Assentaram, pois, de fazê-lo estudar e destiná-lo ao serviço clerical" (Guimarães, 1985, p. 21). Partindo desse ideal, frustram qualquer plano futuro do jovem personagem para inseri-lo no meio de reclusões forçadas.

A ida aos estudos religiosos é mais uma glória para seus pais do que para o próprio menino, que não entendia completamente o porquê desse rompimento tão abrupto de sua família e amiga. Novamente, é evidenciado a importância da vida eclesiástica, pois

> naquelas épocas de crença viva e piedade religiosa, ter um filho padre era um prazer, uma glória, de que muito se ufanavam os pais e as mães de família, e mesmo hoje, principalmente entre os nossos morigerados e religiosos fazendeiros, não falta quem pense que não pode haver carreira mais bonita, mais santa, nem mais honrosa. Assim pensamos também, quando aqueles que a abraçam a exercem nobre e dignamente. (Guimarães, 1985, p. 21)

O narrador manifesta sutilmente, na última frase acima, que há padres que exercem suas aptidões corretamente. A intenção do narrador de pôr à prova a bênção dos caminhos eclesiásticos traz à baila o que foi exposto no início deste capítulo: as controvérsias nas atitudes dos padres. Não que a servidão a Deus não fosse uma vida bonita para quem vive e acredita no que faz, mas muitos padres não seguiam à risca as obrigações de seu cargo. Alguns ignoravam que "*o estado de perfeição clerical requeria, para além da virtude pessoal ou de comportamentos*

virtuosos, rigorosas observâncias morais e disciplinares"[5] (Fleck e Dillmann, 2019, p. 37)

A entrada de Eugênio no seminário é carregada de representações. É o ponto de partida para diversos questionamentos sobre o título da obra, sobre o poder de atuação do seminário na narrativa e sobre os dogmas católicos. Além dos estereótipos mencionados, entram em jogo os estereótipos relacionados à vida clerical. Uma ida que é retratada pelo narrador "como uma passagem da claridade para a escuridão, do riso para a monotonia, da liberdade para a prisão" (Bernardo, 2014, p.289), algo forçado que reflete frustrações, raiva e consequências internas - psicológicas e até sexuais.

Chegar ao seminário, que "nada tem de muito notável" (Guimarães, 1985, p. 23), foi para Eugênio um resumo de lamentações e saudade da liberdade e de sua amiga. Cânticos lembravam-na ("Era assim que Margarida cantava!" (Guimarães, 1985, p.25)) e sempre encontrava "mil motivos que lhe avivavam na ideia a imagem de Margarida" (Guimarães, 1985, p.25).Em meio a esse saudosismo, afunda-se nas obrigações de sua nova casa

> Eugênio, posto que com o espírito preocupado pelas inquietações e saudades de um afeto terreno, rezava com mais fervor e recolhimento do que seus frívolos e descuidosos companheiros. Seu espírito apurado ao fogo de um amor infantil e casto, como o sutil e rosado vapor da manhã, despegava-se da terra com facilidade remontando ao firmamento (Guimarães, 1985, p. 27)

As enunciações do narrador são claramente a favor da vivência do amor em detrimento de uma vida reclusa, ou seja, mostram-se divergentes aos ideais católicos. Partindo dessa mesma concepção, Lima destaca que "um jovem seminarista não conseguia entender por que havia de sacrificar um amor em nome de outro, por que não era possível coexistirem o amor a Deus e o amor a uma mulher" (Lima, 2015, p. 404). As adjetivações, como vistas no trecho acima, tornam o romance entre os jovens puro, e os sentimentos "são asas com que mais depressa se eleva ao trono de Deus" (Guimarães, 1985, p. 27). Inclusive, ascende o amor a um grau de alcance de Deus como se fosse um degrau para alcançar o último estágio, que é ser preenchido pela imensidão de sentimentos bons d'Ele. Logo, por

[5] O artigo de Fleck e Dillmann discute o ideal de perfeição clerical divulgado por padres n século XVII e XVIII. Houve a necessidade de divulgação de textos voltados a esse tema na época devido aos comportamentos imprudentes dos religiosos, os quais se aproveitavam de seu cargo para saírem ilesos, que se sobressaíam cada vez mais nas colônias e na Corte.

essas pistas sutis, remete o amor entre homem e mulher como casal a uma virtude e não a um pecado voltado ao prazer sexual. Além disso, o narrador deixa explícita a hipocrisia existente no celibato clerical que consiste na renúncia total do amor e do sexo – condições inerentes ao ser humano. A construção discursiva utilizada deixa margem para que o leitor analise a situação como se estivesse no lugar do menino e também como um ser pertencente a uma sociedade cristã

> Amor e devoção se confundiam na alma ingênua e cândida do educando, que ainda não compreendia a incompatibilidade que os homens têm pretendido estabelecer entre o amor do criador e o amor de uma das suas mais belas e perfeitas criaturas – a mulher; a mulher que sem o amor é como a caçoula de perfumes, a que o ministro do templo esqueceu-se de comunicar o fogo santo, que os faz arder e subir em nuvens recendentes a beijar os pés de Deus (Guimarães, 1985, p. 28).

Ora, por que a mulher, criatura do criador, não pode ser amada? Por que é uma "incompatibilidade" servir a Deus e conviver amorosamente com uma mulher? Novamente, depreende-se o estereótipo da mulher como um agente ameaçador ao homem e como um ser que está à parte dos interesses clericais. Portanto, praticar a empatia e refletir sobre os dogmas católicos são alvos dessa narrativa celibatária.

Essa reflexão sobre o celibato clerical foi antecipada pelo Padre Antônio Diogo Feijó[6] em 1828. Em seu posicionamento o qual abordarei com mais afinco no próximo capítulo, defendia a liberação do clero do celibato alegando que "era um direito natural do homem de contrair matrimônio" (Soares, 2012, p.68) e que poderia também evitar "os abusos e as imoralidades cometidas pelo clero cuja origem estaria no celibato" (Soares, 2012, p.68). Percebe-se, portanto, que tal abordagem já era difundida na sociedade 44 anos antes da divulgação de *O Seminarista*.

Retornando ao objeto da obra, Eugênio volta-se completamente para os estudos bíblicos forçado pelas lembranças dolorosas da sua amada e não por interesse próprio como um desígnio clerical. Diante disso, ganha a atenção dos padres pelas suas qualidades e "assentaram de animá-lo naquele santo propósito com exortações e leituras adequadas a esse fim" (Guimarães, 1985, p. 29) de grande estima social. Por meio de críticas ao histórico de intervenção da Igreja Católica, há a motivação dos padres

[6] Padre Antônio Diogo Feijó manifestou suas indignações perante ao celibato clerical na sua obra "Demonstração da necessidade de abolição de celibato clerical pela Assembleia Geral do Brazil e da sua verdadeira e legítima competência nesta matéria" editada pela tipografia Imperial e Nacional em 1828.

> Naqueles tempos os dignos e veneráveis sacerdotes da Congregação da Missão de S. Vicente de Paulo [...] não se descuidavam de empregar meios para atrair neófitos ao seio daquela respeitável corporação. Como os jesuítas, porém com mais escrúpulo e menos violência, procuravam dirigir a educação moral e intelectual dos meninos, de modo a inspirar-lhe o gosto pela vida ascética dos claustros e a resolvê-la a tomar a loba e o barrete de congregados (Guimarães, 1985, p. 29).

Novamente, veem-se críticas à atuação de componentes da Igreja. O seminário é lugar de preparação eclesiástica, logo a educação tinha de ser a mais atrativa e inclusiva. Tais críticas vêm também de forma miúda quando se referem ao comportamento de meninos no estágio da puberdade. “Medos e desejos proibidos conviviam lado a lado com posturas de castidade dificilmente alcançada” (Junior, p. 69). Aliados ao amor juvenil típico da adolescência, é comum distrair-se nos afazeres nada prazerosos do seminário visto que “nas orações, na igreja, no recreio, nas horas de estudo” (Guimarães, 1985, p.25). Eugênio se perdia nas lembranças de Margarida.

Outra prática comum dos seminários a que o inocente menino foi submetido era a punição. Quando o padre descobre que o jovem fazia poemas amorosos para Margarida, Eugênio assume sua posição de submissão “tremendo e confuso abaixou a cabeça e calou-se” (Guimarães, 1985, p, 34) e ouve as falas cheias de moral interna do religioso a que o narrador denota estupidez: “que sermão para um menino de quinze anos e para uma alma tímida, boa e sensível como a de Eugênio”. O desdém do narrador torna-se mais evidente com as atitudes do padre. Para puni-lo, ordenou que acendesse uma vela para queimar os papéis que versavam sobre suas vontades mais íntimas.

> [...] agora é preciso também queimar nesse coraçãozinho inexperiente o lixo das paixões mundanas e pecaminosas no fogo do amor divino, redobrando de devoção, rezando com muito fervor, impondo-se jejuns e penitências, e suplicando do fundo da alma ao divino Espírito Santo, que lhe ilumine o entendimento e lhe vigore o coração, dando-lhe forças para combater vitoriosamente contra a tentação do pecado. Pra esse fim há de Vm. jejuar uma semana inteira e preparar-se para no fim dela fazer confissão geral e receber a comunhão. Tenha paciência, é só por este meio que poderá combater a tentação, que assim o anda desviando da senda e de seus deveres, e o pretende arredar de sua santa e verdadeira vocação. (Guimarães, 1985, p. 36)

Sobre essas punições, um médico do século XVIII, Francisco de Mello Franco, afirmou que “a Igreja que não sabia lidar com as paixões humanas”[7]. Para

[7] Junior, Robert Daibert. Entre homens e anjos: padres e celibato no período colonial no Brasil. In: *História dos homens no Brasil* / organização Mary del Priore, Marcia Amantino.2013, p. 78.

ele, certos desvios não poderiam ser combatidos com penitências, orações e jejuns justamente por acreditar que "a origem dos comportamentos pecaminosos residia no corpo, de modo que os mesmos deveriam ser tratados por essa via"[8]. Entretanto, para a Igreja, tais práticas eram uma forma de se redimir espiritualmente transcendendo o limite entre corpo e alma. Por meio de dor e sofrimento, era possível alcançar o perdão eterno.

Mesmo com tantos séculos de aplicação e de muitas constatações de que não era a melhor estrada a seguir, os castigos provocavam prejuízos à mente dos aspirantes ao clérigo. Eugênio se martirizava e se via "num pego de dor, de vergonha, de terror, e sofrendo o embate de mil diversas e violentas impressões" (Guimarães, 1985, p. 37) por não entender onde residia o pecado de querer bem a uma menina tão pura como Margarida. O sentimento de castração e controle dos corpos provocava efeitos contrários à intenção da Igreja visto que os homens não tinham uma sensação de pleno bem estar. Eles "eram formados e exerciam seu sacerdócio em meio a segredos e culpas em torno das sensações dos seus corpos, alimentando por vezes personalidades doentias e carentes de prazeres reprimidos".[9] Não é por menos que é extremamente plausível supor que os padres que induziam os jovens a essas punições e à perseguição ao seu corpo eram pessoas reprimidas que queriam obter mais homens reprimidos já que a perturbação ocorria dos "aspirantes ao sacerdócio [...] até após a ordenação"[10].

O psicológico abalado de quem ensina e de quem aprende lida também com os conflitos inerentes ao impulso corporal que aconteciam durantes as noites de sono e aos rituais de preparação. O frei Afonso da Cruz redigiu um manual[11] de instrução que abordava posturas adequadas aos noviços dentro do seminário. Novamente, de forma bem sutil, o narrador expõe que Eugênio tinha poluções noturnas que acontecem normalmente com jovens na puberdade. Reprimir tal impulso do corpo e da mente não é sadio, e isso perturbava o jovem:

> De noite, quando sonhava com ela – e isto sempre lhe acontecia -, despertava benzendo-se, punha-se de joelhos e rezava longamente

[8] Idem
[9] Idem, p. 69.
[10] Idem
[11] O manual *Espelho de Religiosos* foi bastante difundido nos seminários e em diferentes ordens religiosas para servir como meio de doutrinação de modelos de virtudes cristãs e castidade. A divulgação de manuais se tornou constante devido à preocupação da Igreja com os comportamentos dos clérigos, principalmente aqueles que nasciam no "calor dos trópicos".

> pedindo a Deus que lhe arredasse do espírito aquela tentação, que até dormindo tanto o perturbava. (Guimarães, 1985, p. 38)

A falta de instrução sobre essa fase na vida de meninos aliados à repressão sexual e alienação religiosa deixa qualquer jovem perturbado e torturado como se ele não fizesse o possível para eliminar a imagem da tentação e a perturbação do Diabo personificadas na jovem Margarida. Sobre essas noites de perigo, o manual percebia que era "o momento visto como o mais perigoso no cotidiano do noviço", e as recomendações iam desde a cultivar bons pensamentos antes de dormir a orações e meditações. Essa rotina não agradava aos jovens, como é bem perceptível nas descrições de Eugênio, levando comumente ao abandono do sacerdócio ou até a formação de padres inconformados e inquietos com os pensamentos mundanos

> [...] quando queriam dormir, o mandavam vigiar, quando queriam comer, o faziam jejuar, quando queriam falra, o faziam guardar silêncio, quando queriam ficar assentados, faziam-no levantar, quando queriam descansar, faziam-no trabalhar [...] ah! Por que tomei essa vida? Mal estava, pior estou, porque não posso com tanto rigor, nem tenho natureza nem condição para isso.[12]

Os estragos psicológicos refletiam na aparência física do jovem menino apaixonado. A narração evidencia mais uma vez que o seminário e as práticas dos padres tiravam a luz que o menino tinha, afetando sua moral e inteligência. Além de "retraído" e "melancólico", tornou-se "seco" e "frio". A luta que travava consigo tirou sua "terna e delicada sensibilidade" a qual "embotou-se, ou antes apagou-se no gelo de um beatismo frio, austero e sem arroubos" (Guimarães, 1985, p.40). O beatismo aqui referido volta-se ao incentivo forçado da mãe de Eugênio, às ordens alucinadas do padre e também ao comportamento submisso do menino a tudo que norteia a religião. Esse é o poder de um "fatal e deplorável poderio do fanatismo" religioso. Reduzir-se "quase a cadáver" devido a "insônias, orações, jejuns e mortificações" são resultado de "uma educação fanática e falseada" que abusava "de certas predisposições do espírito" do jovem. O narrador já adianta que a estadia no seminário trará "o tormento de toda a sua vida e o arrastará talvez à última desgraça" caso não aconteça alguma misericórdia.

"*... eu te juro, torno a jurar; padre, nunca hei de ser. Adeus!"* Esse juramento de Eugênio antes da sua última partida ao seminário se insere entre tantas tentativas de sair dele. Ao longo de alguns capítulos, há o relato das idas de Eugênio

[12] *Espelho dos Religiosos*, p.76 Apud Junior, 2013, p. 69.

à casa de seus pais depois de quatro anos seguidos enclausurado dentro do seminário. Foram momentos em que teve sua vivacidade de volta ao encontrar Margarida, situações de conflito interno, vergonha e repugnância "pelo estado eclesiástico" – pode-se entender que essa repulsa advinha das investidas duras do padre bem como com o a instituição religiosa católica, mais a insistência da mãe e do pai na formação sacerdotal e juramentos como o que iniciou este parágrafo.

O menino fixou em sua mente que a vida eclesiástica não era mais sua vontade: "... *seu espírito crente e religioso só julgava realizável a sua redenção por um favor especial do céu, pelo influxo da graça divina [...] parecia-lhe que faltando-lhe aquele amor não poderia mais viver, faltar-lhe-ia o ar e a luz, e a terra e o céu se aniquilariam para ele."* Seria cabível pensar também essa última referência, terra e céu, como uma forma de metáfora relacionada à Margarida (terra) e a Deus (céu). Sem o amor, viver na Terra não lhe seria prazeroso bem como não servir aos céus seria de seu agrado. Ele estava certo de que não se tornaria padre.

A aversão ao seminário chamou a atenção dos pais de Eugênio. Ele redigiu uma carta aos padres "comunicando-lhes os desvios e desregramentos de seu filho, pedindo-lhes muito encarecidamente [...] desarraigar-lhe do espírito certa paixãozinha [...] que o ia tornando um pouco avesso à sua natural vocação e louvável propósito de ordenar-se". Esse aviso pouco mudou sua afeição pela jovem. "As práticas de devoção e piedosas leituras" só camuflavam os sentimentos difíceis de controlar e

> Estes devaneios [...] o vinham arrancar considerações de outra ordem, que o lançavam num pego de amarguras e inquietações. Via diante de si a incerteza do futuro, o inabalável emperramento de seus pai, que a todo transe o queriam fazer padre, a sorte precária de Margarida, mal vista e repudiada por eles, pobre e frágil criatura exposta a todos os embates de um destino cruel e a todas seduções e azares de um mundo corrupto e libertino. (Guimarães, 1985, p. 90)

Eugênio estava preso a essas aflições e quem o algemava era tanto Margarida, na visão dos beatos, quanto as normas católicas. Para aterrar de vez esse turbilhão de sentimentos, o padre diretor recebe o jovem e conta sobre as notícias de Margarida: ela havia se casado. Tal fato trouxe-lhe mais consternação que despertaram reações completamente diferentes das que tinha anteriormente. Agora, sobressaíam o ódio, a mágoa, o arrependimento, a perturbação e o ciúme.

Essa notícia trazia de volta "*aquele mancebo, que por sua bela inteligência, seu espírito de devoção e excelentes dotes morais parecia talhado pelo céu para ser um digno ministro da religião do Crucificado*" (Guimarães, 1985, p.78). A locução "religião do Crucificado" também realça um fator importante para enganar o menino: o catolicismo origina-se do sacrifício de um homem que foi posto em uma cruz como forma de rendição aos sofrimentos. De uma certa forma, o jovem foi sacrificado também, pois sofre para satisfazer a vontade de outro. Ele perde-se em meios às lembranças dos atributos físicos de Margarida antes tão recriminadas diante ao Pai. Ele se revolta:

> "*volvia e revolvia na lembrança com amarga complacência todos os encantos do corpo de Margarida – a boca úmida e vermelha, ninho voluptuoso de beijos e sorrisos – os seios túrgidos ofegando alterosos em ânsias amorosas – os olhos quebrados nadando em eflúvios de ternura [...] estas ideias a escaldarem-lhe o cérebro, a torturarem-lhe o coração, o pobre moço pensava morrer de despeito, de vergonha e desesperação". (Guimarães, 1985, p. 100)*

Essa fase de raiva após ter se sentido traído só poderia produzir "a morte ou a loucura" (Guimarães, 1985, p. 102). A princípio, a morte veio, mas veio reproduzida na sua entrega total ao celibato e à vida eclesiástica, afinal, ao se tornar padre, você mata várias partes de si. Para o padre, tal situação era vista como "*a última gota de fel, para tornar o sacrifício mais perfeito e agradável aos olhos de Deus. Bem-aventurados os que choram."* (Guimarães, 1985, p. 102) A tristeza, a angústia e o sentimento de perda valorizavam o caminho sagrado do seminário, pois indicavam que ele se desfazia de escolhas penosas e mundanas em favor de Deus. Logo, a sua base de formação foi a ira – um dos sete pecados capitais, ele profana em nome do sagrado. O menino "decide se tornar padre, mas antes por ódio do que por amor a Deus" (Bernardo, 2014, p. 296).

Por fim, torna-se padre e volta a sua terra natal a fim de visitar seus pais e dar a eles o gosto de ver rezá-lo uma missa. No dia em que celebraria sua primeira missa, recebe um chamado sobre uma mulher que estava na beira da morte e desejaria se confessar. Fazendo jus à sua mãe, uma carola supersticiosa, Eugênio foi tomado de "um confuso e sinistro pressentimento" como se temesse um reencontro cheio de provações. Por ironia do destino, a mulher era Margarida. Mesmo sentindo-se mal, o padre via "*os grandes olhos negros"* os quais "*eram como brandões ardentes e sinistros, que lhe queimavam a alma".* Por essa descrição, subentende-se que Eugênio se via em meio à tentação. O relato da aparência da

moça é a que coincide com o que se imagina culturalmente como o Diabo – um ser sem vivacidade nos olhos, "*cheios de uma luz sombria*", convidando-o a pecar por meio da imersão ao escuro, mas prazeroso ato.

No início, Eugênio acredita em uma armação como um "*laço diabólico*" – como se o Diabo, representado pelo padre, tivesse preparado uma emboscada para que ele pecasse. Depois de muitos assombros por parte dos dois – a chama da paixão se mantinha acesa – mais um susto para os apaixonados desventurados: Margarida não havia se casado! Uma traição de seu pai, ele acredita.

> Exasperava-se contra a mentira de que seu pai, decerto de conivência com os padres de Congonhas, se havia prevalecido para determina-lo a tomar ordens. – Para que semelhante embuste, meu Deus! [...] – Que ideia infernal de sacrificar o destino de duas pessoas por meio de uma mentira! [...] Se não fosse tal mentira [...] decerto eu nunca teria tomado esta veste sagrada, que hoje me queima as carnes como a túnica de Nesso. (Guimarães, 1985, p. 117)

O sentimento da saudade mistura-se ao do medo. Os dois querem se entregar uma ao outro, mas temem o presente. Por força do destino, a moça seria a primeira pessoa a quem o padre ouviria as terríveis confissões que o envolvia. Tantos choros, tantas lamentações, tanto arrependimento... Só havia um jeito de reparar esse infortúnio: entregando-se completamente.

Os atributos físicos de Margarida, a sua "fidelidade" (virgindade intacta e à espera dele) e a sua imaginação por anos alimentada despertaram desejos já adormecidos. Era como se voltasse aos tempos de puberdade uma vez que a "sede voraz de gozos e volúpias, era uma febre, era um delírio" e as tentações das noites – as poluções noturnas de outrora – voltavam com toda força diabólica. A "*ideia infernal de sacrificar o destino de duas pessoas por meio de uma mentira*" tornava a martirizar o jovem padre como se houvesse uma coroa de espinhos enterrada no crânio.

Apesar de estar doente, mantinha sua faceirice e beleza intactas como se a cobra –tantas vezes referidas na narrativa – estivesse pronta para atacar sua presa. Anos longe um do outro, ele vivendo de mentiras e de vontades alheias, e ela vivendo de forma injusta e de servidão tanto que, para repararem esse dano, entregam-se sem medo da condenação divina. Inquietações e lamentações provocam a rendição dos dois ao desejo sexual descrito de forma bem sutil:

> A moça pôs as mãos ambas sobre o ombro do padre, e fitou-lhe o rosto com um olhar e um sorriso, que resumiam um longo poema de amor. Os olhos alucinados nadavam-lhe em eflúvios de ternura, e o bafejo tépido e suave escoando-se por entre a rosa dos lábios entreabertos afagava as faces do mancebo. O xale em que se envolvia, tinha-lhe escapado dos ombros, e os dois pomos mal cobertos pulavam-lhe no seio inquietos e ansiosos, como duas rolinhas implumes, que forcejam por saltar do ninho. [...] Margarida encostou a cabeça ao ombro de Eugênio e este envolveu-a em um abraço.
>
> - Um momento de suprema felicidade!... depois o inferno! Que importa!... (Guimarães, 1985, p. 122 e 123)

Com o sentimento de culpa compreensível para um menino que acreditava forçosamente nas atribuições eclesiásticas, julga-se desesperado, envolto a remorsos e vergonha, ele segue a fazer reflexões raivosas sobre o seminário e as mentiras:

> - Já que assim o quiseram os homens...serei um padre sacrílego, um padre infame , como tantos outros, que todos os dias profanam com mãos impuras os vasos do altar e a hóstia sacrossanta [...] Ah, o celibato!...terrível celibato!...ninguém espere afrontar impunemente as leis da natureza! Tarde ou cedo elas têm seu complemento indeclinável , e vingam-se cruelmente dos que pretendem subtrair-se ao seu império fatal!... (Guimarães, 1985, p. 124)

A sua culpa é transferida para os padres e para seus pais que o forçaram a estar nessa situação. Ele se torna um padre sem conduta moral, e o narrador expõe novamente os sacrilégios comuns aos padres da época (envolvimento com mulheres). Era como se estivesse pagando por seus pecados ou até pelo pecado dos outros. Relaciona sua revolta às imposições da Igreja que tentam reprimir os desejos contra as vontades dos padres. Isso provoca mais revolta no personagem, pois ele luta internamente para inibir um inimigo de outro e não o dele – a libido.

Para o desespero do recém formado padre, ele ainda tinha de realizar uma missa e oração para o cadáver de uma mulher. Para sua surpresa e tristeza, “a finada era Margarida”. Dessa vez, a loucura instaurou-se ante ao medo[13]:

> Chegando à escada que sobre para o altar-mor, o padre parou, e quando já todos de joelhos esperavam que rezasse o “introito”, viram-no com assombro arrancar do corpo um por todos os paramentos sacerdotais, arrojá-los com fúria aos pés do altar, e com os olhos desvairados, os cabelos hirtos, os passos cambaleantes, atravessar a multidão pasmada, e sair correndo pela porta principal.
>
> Estava louco... louco furioso. (Guimarães, 1985, p. 126)

[13] Na narrativa (Guimarães, 1985, p.102), após o momento de raiva quando soube do casamento inventado de Margarida, o narrador exterioriza que o medo ou a loucura seriam inevitáveis.

1.2 **“O Seminarista”, de Rubem Fonseca**

Rubem Fonseca, escritor precursor do romance policial no Brasil, insere o tema do seminário em sua obra *O Seminarista* publicada em 2009 — um romance policial cujo foco narrativo não é o assassino nem o assassinado, mas sim o poder da linguagem em todos os seus aspectos (persuasivo, religioso, literário, mortal). Trata-se de uma narrativa com enredo diferenciado.

Como de costume nas obras desse escritor, falecido neste ano de 2020, a palavra é a protagonista. Ela desordena qualquer pensamento sobre uma narrativa cheia de lacunas, tornando evidente a participação ativa e não benevolente de dogmas católicos. Para alcançar o ápice da problematização do tema, o autor “lança mão de ingredientes típicos da literatura de massa, mas procura subverter por dentro as características do gênero”[14] que, no seu melhor estilo, são munidas de pornografia, violência explícita e cenas urbanas. Frente a esses elementos, ao ler a obra, o leitor pode não perceber que se trata de algo mais profundo e problemático. Rubem Fonseca utiliza as marcas típicas, como crime e investigação, para abordar e discutir estereótipos religiosos e o seminário. Portanto, pode-se considerar a narrativa como transgressora devido à forma como alia dois temas conflituosos: religião e assassinato.

O romance policial é considerado por muitos críticos e leitores uma literatura de entretenimento devido à facilidade de leitura e à falta de complexidade dos temas. Entretanto, José Paulo Paes apresenta uma consideração acerca dessa literatura:

> a dimensão arquetípica dos vários gêneros da literatura de entretenimento ajuda a explicar a recorrência, neles, de motivos ou procedimentos fixos, assim como sua capacidade de continuarem a aliciar o interesse dos leitores, a despeito dessas repetições aparentemente fastidiosas. (Paes, 1990, p. 30)

[14] As constatações de Vera Lúcia Follain serão as fontes principais ao abordar a construção do enredo de Rubem Fonseca. Consciente e atenta às manobras do autor, ela guia certas estratégias utilizadas por ele que “recorre, então, à convenção do gênero com uma dupla finalidade”. Figueiredo, Vera Lúcia Follain de. *Os crimes do texto: Rubem Fonseca e a ficção contemporânea.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

O costume nos romances policiais de só haver uma investigação, crime e resolução desconsidera o que está por baixo dos assassinatos, como as motivações não marcadamente óbvias. A estrutura marcada e os temas costumeiros não incitam o leitor a interpretar além do que está exposto. Na contramão, encontra-se a literatura de proposta, a qual valoriza a originalidade da obra. Sobre isso, Paes (1990, p.28) expõe que "no domínio da literatura de proposta vigoram os chamados gêneros [...] que condicionam as expectativas dos futuros leitores". Assim, ao ler *O Seminarista*, de Rubem Fonseca, os leitores podem não compreender as críticas veladas à religião por meio do tema do seminário. O amor e o crime prevalecem, porém são apenas um viés para discorrer sobre a influência do seminário e as consequências futuras. Evidencia-se, portanto, que a obra de Rubem Fonseca, cerne deste estudo, transgride duplamente quando se reinventa, aliando temas não comuns ao gênero, e quando se modifica a tradição do gênero, tornando notória a finalidade da obra.

A ficção policial tem um narrador em 1ª pessoa chamado José – nome típico de personagens de outras obras do autor e o primeiro nome dele – que conduz a história como uma autobiografia cheia de lacunas, memórias externalizadas bem convenientes àquele que conta. Ele é um matador profissional tão bom no que faz, que é conhecido como "Especialista" e recebia seus serviços do "Despachante". Para que mantivesse uma razão acima da emoção (atitude típica de enredo policial), não procurava saber do passado de seus clientes. Do mesmo modo, também ignorava certos aspectos de sua vida anterior à profissão de matador.

Começando suas lembranças focando em alguns de seus serviços, ele deixou claro que possuía certos princípios, apesar de ser contratado para matar

> Ah, me lembrei de outro trabalho que fiz, não digo sentindo prazer, mas com uma boa disposição. No princípio senti certo escrúpulo, o sujeito era cheio de filhos, meninos e meninas. [...] O puto do freguês era um pedófilo. Nenhum filho era dele Há quem diga que isso é normal, que cerca de dez por cento dos homens são pedófilos, e há quem diga que pedofilia não é uma doença. Não me interessa, seja lá o que for não gosto de pedófilos. (Fonseca, 2009, p. 9)

A abordagem da pedofilia coincidiu (propositalmente) com a época em que a Igreja católica recebia mais denúncias de pedofilia cometidas por padres[15]. De todo

[15] Em 2009, o "Relatório da Comissão Murphy" analisava mais casos de pedofilia ocorridos na Irlanda e que se deparavam com a amorosidade do tratamento do caso pelos líderes religiosos católicos. Nesse documento, há a revelação de que "o arcebispo de Dublin ocultou abusos sexuais cometidos

modo, além de transparecer que não gosta de matar, admite que possui uma moral própria quando sente repulsa pela atitude do freguês e entrega para a mãe do menino que ia ser abusado uma quantia de dinheiro que roubou do homem para que desse atenção necessária ao menino e evitasse que ele passasse por situações ruins novamente. Ainda que tenha tido esse ato de bondade, suas palavras sempre se voltam ao distanciamento quando ao final desse relato diz “foda-se”.

Em meio a essas narrações dos crimes, sempre há dizeres de santos ou de alguém ou algo ligado à Igreja Católica, como a de Eclesiastes: “*vanitas vanitatum, et omnia vanitas*” (“tudo é vaidade”). Não é para menos: ele havia estudado em seminário e “da sua formação religiosa, restam um esporádico sentimento de culpa e estes fragmentos de textos transformados em máximas e veiculados numa língua morta que, ironicamente, os legitima”. Pode-se pensar que esses dizeres servem somente para evidenciar que seus aprendizados no seminário tiveram resultado, ainda que os usasse em momentos que fogem ao ideal original. Caso não os considerasse e achasse mera perda de tempo, não diria tantos em muitas situações. Sem aprofundamento e grandes reflexões, ele deixa margem para muitas interpretações:

> [...] o meu latim não era dos melhores no seminário e devia ter piorado. [...] Ultimamente frases latinas pipocavam na minha cabeça, frases latinas que obliterara do meu consciente depois que saíra do seminário. [...] Mas sempre gostei de ler, antes do seminário, durante o seminário, após o seminário. Acho que devia ter continuado no seminário, me tornar padre. Minha mãe queria que eu fosse padre, era o sonho dela. (Fonseca, 2009, p. 29)

E, assim, em poucas linhas, abordou essa questão tão importante, que se assemelha à questão do personagem Eugênio, presente na seção anterior. Sem aprofundamentos, o que se sabe é que sua mãe era religiosa e podemos inferir que por isso seu nome é José (nome bíblico do padrasto de Jesus) e que o personagem também se questiona sobre sua vocação e sobre seu destino nessa escola eclesiástica. Não explana o motivo e como saiu de lá. Ao melhor estilo Machado de Assis, “preenche minhas lacunas”, o narrador trabalha com a ironia e com o senso de sagacidade do leitor. Por coincidência ou não, é durante essa confissão que um personagem chamado Eugênio (nome do personagem seminarista da obra de Bernardo Guimarães) aparece, agora como psicanalista, e “o puto era bom”. Quando

---

por sacerdotes contra centenas de crianças durante décadas”. Disponível em: http://g1.globo.com/mundo/noticia/2010/09/os-principais-casos-de-pedofilia-na-igreja-catolica.html

José aponta-lhe a arma em direção a sua cabeça, “seu olho não arregalou, sua voz não tremeu, os pelos da sua mão firme, estendida pra mim, não se arrepiaram” (Fonseca, 2009, p. 30). A profissão[16] serve muito bem tanto quanto referência de um personagem que sofre por causa do pensamento de outros quanto para mostrar a frieza e autocontrole do personagem frente à arma.

Dotado de moral particular possivelmente originado pela estadia no seminário, ele não gosta de “matar mulher, nem criança, nem bicho”, pois “matar passarinho é pior que matar gente má”. Mulheres, crianças e bichos são seres santificados: as mulheres representam a bondade e a fertilização, da mesma forma como Maria, mãe de Jesus, representava; as crianças e os bichos, por sua vez, simbolizam a inocência – seres ainda não contaminados com a maldade humana. É ao longo do quinto capítulo que desenvolve mais partes desse capítulo do seu passado. Quando decide abandonar sua carreira, vê-se nos pensamentos voltados às vivências, como quando recorre a Camões e Sêneca para justificar que “chega uma época em que procuramos outros caminhos” visto que “mudam-se os tempos, mudam as vontades”. Será que saiu do seminário somente por que sua intenção mudou? Talvez. É por conta dessas mudanças constantes que também pensa em mudar de nome na sua nova vida. Relembra, novamente, com carinho de sua mãe e da importância de manter seu primeiro nome:

> [...] não abandono, não vou deixar de ser José, é o nome que minha mãe me deu, até hoje me lembro da voz dela me chamando carinhosamente de “José, José”. Além do mais esse nome está na família há mais de 500 anos. (Fonseca, 2009, p. 35)

Talvez por ser uma mãe afetuosa, torna-se repetitiva a fala de que devia ter se tornado padre. A possível angústia surge mais uma vez quando se lembra da morte dela nos seus 15 anos: “Ela queria que eu fosse padre. Cheguei a fazer vários anos de seminário. Eu devia ter cumprido o desejo da minha mãe”. Porém, deixa visível que saiu do seminário pelo mesmo motivo que muitos nem entravam ou nem conseguiam cumprir os anos de estudo: o celibato clerical.

> Saí do seminário por ser sujeito libidinoso. Tive um colega no seminário que também saiu pelo mesmo motivo, só posso dar as iniciais dele, D.S. Era um

[16] Surgido a partir dos conceitos elaborados por Sigmund Freud, a psicanálise trabalha com o estudo do inconsciente do paciente para entender a falta de controle de seus pensamentos para que ele lide melhor com seu eu e com seus questionamentos. O psicanalista provoca o autoconhecimento desde sonhos e desejo a experiências vivenciadas.

> sátiro pior do que eu. Quando eu o encontrar um dia vou lhe perguntar por que entrou para o seminário. Deve ter siso coisa da mãe dele.

Enquanto que o protagonismo de D.S. não aparece, ele foca em sua libertinagem até mesmo quando recitava trechos do Cântico dos Cânticos, no Velho Testamento:

> Sua boca me cubra de beijos! São mais suaves que o vinho tuas carícias, e mais aromático que teus perfumes é teu nome, mais que um perfume derramado; por isso os jovens de ti se enamoram. Leva-me contigo! Corramos!

Essas comparações românticas, mas bem sugestivas, chamavam o personagem mais para o caminho do prazer profano do que para a servidão a Deus. O mesmo acontecia com seminarista Eugênio, mas seus devaneios voltavam-se às poesias que escrevia.

Apesar de ser libertino, possuía certas incoerências com suas práticas sexuais. Precisava de mulheres por perto e gostava de “foder com elas”, mas menos com as que tinham “profissão de puta” e sentia gosto pelas mulheres que tivessem “pudor e compostura, ajeitando a saia quando sentam, andando sem requebros ostentatórios, evitando palavreado chulo” (2009, p. 42). Essa conduta dotada de conservadorismo e moral particular entra em conflito com outras palavras chulas que ele proferia com mulheres com que fazia sexo aleatoriamente, como quando liga para Norminha, pois “estava com vontade de dar uma trepada”. O conservadorismo apreendido no seminário possivelmente criou raízes nos seus ideais já que um dos princípios dos seminaristas era o comportamento recatado, a fala contida e sem excessos e a simplicidade em tudo que norteava sua rotina. Uma vez que o matador não exercia tais condutas em sua rotina, as transferia para a mulher por que se interessasse. O mesmo aconteceu com Kirsten.

Quase uma armação do destino, Kirsten, cujo nome significa “cristã”, e José se conhecem em uma delicatéssen. Como um desses amores à primeira vista, o matador se rende às características mais vistosas num primeiro momento, como a “bunda perfeita”, “peitinhos pequeninos que apreciava”, “dentadura perfeita” e o “rosto bonito”. É a ela que confidencia que desistiu de ser padre e não gosta de falar sobre isso, é com ela que ele carrega o livro *The God Delusion*. A leitura de um ex-seminarista é diferenciada visto suas experiências e revoltas com o que aprendeu, com quem instituiu as condutas católicas e com o Criador.

Como sua principal arma eram as palavras, a ironia com as práticas católicas torna-se latente, possivelmente para contrapor com as hipocrisias nos ideais católicos. Ele faz chacotas dotadas de verdade em momentos cruciais. Quando vai matar Janota, ironiza a fala de falsos fiéis ou de desesperados que, em situação iminente clamam por Deus ou algum santo para se absolver de pecados: “[...] diga a verdade para que Deus possa perdoá-lo”. Nada é sem propósito. Se é comum a absolvição de pecados por meio de algumas orações, por que não se arrepender de algo ao morrer? O mesmo acontece com a adoração de artigos religiosos (terços, estátuas de santos, quadros religiosos, vidros com água benta). Quando ele vai desfazer da sua Glock, equivale-a a um objeto de apreciação e adoração: “Eu não ia dar nem vender aquela maravilha, seria como se vendesse a estatueta de um santo da minha casa, se eu fosse religioso e tivesse uma estatueta de santo na minha casa”. Santos em casa servem para proteção, e a arma não estava em função diferente.

A essa ironia, destina-se o ideal de amor desenvolvido por José. Poderia amar alguém um homem que tinha eliminado muitas encomendas humanas? Foi justamente o que aconteceu. Além das características físicas já citadas, o sexo com ela levava-o à transcendência, “luxuria est sitis ebria – a sensualidade é sede desgovernada” (Fonseca, 2009, p. 53). Essa frase de São João Crisóstomo, embora mais erótica, servia para relembrar que sucumbir à tentação da carne era caminho sem volta, visto os problemas que poderia acarretar, como querer sempre mais e corrosão de um corpo propenso a vícios. Esse pensamento de “um santo sexualmente frustrado” tinha a intenção de levar mais castidade a religiosos que se deixavam vencer pelos impulsos corporais.

O êxtase atingido pelo orgasmo se assemelha ao espanto que sentiu ao ver sua alemãzinha conversando com o Despachante que havia matado há pouco tempo. Uma rotina de casado e um tiro na cabeça do homem que agora estava vivo fizeram-no “cair das nuvens” como um anjo decaído, ou até mesmo pelo sentido usualmente difundido de estar frente à realidade. E a visão do Despachante não era uma reencarnação mesmo que achasse essa crença uma bobeira da mesma forma como achava “todas as religiões uma tartufice” (2009, p. 77). Como uma alucinação, O Despachante está bem vivo e ainda se apresenta como o pai de Kirsten. Ela foi enviada para espioná-lo, mas se apaixonou e não conseguiu seguir adiante com o

plano. Alguém havia mandado matá-los, pois suspeitavam que eles sabiam quem era o mandante dos crimes. É a partir desse momento que começam os grandes episódios de investigação do romance policial e se instaura a contradição: o caçador (matador) se tornou a caça.

Para encontrar o mandante dos crimes, José e o Despachante vão atrás de uma série de pessoas e, consequentemente, uma série de pessoas é ferida ou morre, como o pai de Kirsten. Antes de morrer e num momento de tensão, ele tem uma revelação – da mesma forma acontece com a religião evangélica em que todos que possuem um passado ruim (traficantes, ex-drogados, "mulheres da vida") encontram essa revelação e se tornam seres renovados:

> Tive uma revelação, uma revelação que me levou ao arrependimento, arrependimento de minha vida de crimes, e sofri uma espécie de conversão, como a dessas pessoas que descobrem Jesus. Sou outro homem. Não quero andar armado. (Fonseca, 2009, p. 88)

Mesmo machucado depois de sofrer represálias, José

> [...] não queria descobrir Jesus, nem Maomé, nem Buda, nem Javé nem nenhuma dessas figuras criadas pela mente alucinada dos seres humanos [...] Mas confesso que tinha a consciência pesada devido aos crimes que cometi. Se eu fosse religioso, arrependido como eu estava, bastava me confessar, rezar alguns padres-nossos e ave-marias que seria perdoado e tiraria aquele peso do meu coração [...]. (Fonseca, 2009, p. 88)

A religião como fonte de conforto e como justificativa de vida não fazia sentido para José mesmo em ocasião conflitante. Arrependido dos crimes, não o levaria a praticar a hipocrisia que fiéis costumeiramente realizam estando em momentos ruins. Segundo ele, as orações servem mais para tranquilizar a mente e o corpo pecador do que um culto às entidades máximas da Igreja: Deus, Jesus e Maria.

Sozinho nessa missão, ele procura seu amigo de seminário D.S. Ele era "muito inteligente e culto, um verdadeiro exegeta, conhecia os textos bíblicos melhor do que os padres, sabia vinte vezes mais latim do que eu e gostava de mulheres tanto quanto eu [...]" (Fonseca, 2009, p. 67). D.S. cresceu financeira e socialmente com o mercado editorial, logo conhecia muitas pessoas com dinheiro e, consequentemente, o mandante dos crimes e o caçador de José.

D.S insere o matador investigativo no meio social burguês. José procurava por Ziff, um homem rico que era o suspeito de ser o mandante dos assassinatos. Desde então, a amizade dos dois torna-se viva novamente em meio às perturbações

que assolavam José. Para que conseguisse ajudá-lo, D.S. fica inserido em todas preocupações e ações de Zé, até fornece-lhe apartamento para morar com Kirsten a fim de que fugissem de quem os procurava, entrada em lugares luxuosos e seu "ombro amigo" para momentos de desabafos. Ainda sim, fatos estranhos continuavam acontecendo, sabiam de seus passos, continuavam incriminando-o de mortes e mais pessoas morriam quando ele estava próximo de uma descoberta.

"Lembre-se do axioma: *Cave quid dici, quando, et cui* – Cuidado com o que você diz, quando e para quem." (Fonseca, 2009, p. 149). José se deparou com a morte da secretária de D.S. – única pessoa que poderia saber quem entregou o apartamento onde ele estava. Mais um fato inusitado:

> A mesma arma que matou o Despachante foi a que matou Gamela[17]. Foram feitos os exames pelo pessoal da criminalística e os projéteis encontrados nas duas vítimas são idênticos. Nove milímetros, uma Glock. E o M.O.[18] foi o mesmo: tiro no coração. [...] A morte da Denise ocorreu entre dez horas e meia-noite. O apartamento dela não tem porteiro noturno nem circuito interno de TV. O cara entrou e saiu normalmente. Tudo indica que ela conhecia o assassino e deve ter aberto a porta da rua do prédio e a porta do apartamento para ele. (Fonseca, 2009, p. 151)

Estava tão óbvio, que José não enxergava (ou não queria enxergar): alguém extremamente próximo atrapalhava seus planos. Alguém que conhecia a rotina e a vida pessoal de Denise. Além disso, tratava-se do mesmo assassino das outras mortes.

José envia Kirsten para a Alemanha com medo de que ela sofresse alguma represália de alguém aparentemente desconhecido, mas na verdade bem conhecido. Depois disso acontece mais uma morte: um antigo amigo seu morre ao entrar em contato com o suposto mandante dos assassinatos, o Ziff. O morto, Gralha, tinha o endereço de José no bolso, pois ele foi atrás de Ziff a pedido de Zé. "Ele foi assassinado a tiros. [...] A perícia chegou à conclusão que ele foi morto pela mesma arma que matou o Simplício Gamela e aquela secretária. Uma Glock. [...]" O investigador do caso "soltou essa bomba" para José deixando mais evidente que o mandante de tudo isso estava ao seu lado.

---

[17] Simplício Gamela era um rico da Vieira Souto que procurou o amigo de José, Sangue de Boi, para se proteger de um possível sequestro de que ele suspeitava. D.S. apresentou os dois. Porém, um dia depois que José visitou Gamela em seu prédio, Gamela morre. Obviamente, José se torna o principal suspeito do assassinato.

[18] M.O. – abreviação para modus operantis – a forma como a vítima morreu.

Sem avisar, Kirsten volta da Alemanha no dia em que D.S. revela a José que conhece Ziff, o qual contou sobre o passado de matador e sobre a morte do Despachante. A boa manipulação acontece quando são jogadas algumas ideias para a pessoa acreditar que a ideia surgiu dela própria. D.S influencia sutilmente José para que ele mate Ziff, algo bem diferente, pois, nesse momento, “D.S estava muito estranho” e sugeria que José “matasse alguém que ele conhecia”.

Uma sucessão de acontecimentos bizarros. Mas, para José, o impacto maior sobreveio com a morte de Kirsten, depois que voltou do restaurante com D.S. Em apenas um parágrafo, o narrador detalha essa comoção

> Eu ainda estava meio de porre quando entrei em casa. Mas o porre passou um segundo. Kirsten estava sentada na cadeira da sala, morta, com um tiro no peito. Eu nunca havia chorado na minha vida, mas ajoelhei-me ao seu lado, deitei a cabeça no seu colo e chorei, uivando como um animal selvagem. (Fonseca, 2009, p. 169)

Nesse momento, seus critérios pessoais e morais para matar não são mais válidos. A ira toma sua mente e o lugar de seus olhos. Não vê mais nada além de vingança e ódio. Ele vai atrás de Ziff acompanhado de sua Glock.

> O primeiro que matei foi o porteiro, que quis impedir minha entrada sacando uma arma da cintura. [...] Bati no apartamento de Ziff e matei o cara que abriu a porta. Fui entrando pela casa e matando tudo que se mexia na minha frente, acho até matei um cachorro, um papagaio e um peixinho dourado dentro do aquário. (Fonseca, 2009, p. 169 e 170)

Um festival de mortes sem distinção, sem amorosidade e pleno de ironia. A partir daí, a clássica característica das mortes dos personagens de Rubem Fonseca apodera-se da cena. Ziff tem a mão decepada, é amarrado na poltrona e, enquanto balbuciava algo importante, leva um tiro na cabeça.

Como num filme com seguidas cenas de ação e sem dar espaço para a recuperação do fôlego, o narrador inicia um novo capítulo com José guiado pela raiva. Nesse momento, nada mais lhe importava; afinal ele saiu “do apartamento de Ziff, deixando um monte de gente e de bichos mortos”. Ele segue para um casarão onde todos da casa “tinham a consciência tranquila”. Em seguida, mata o vigia e entra na casa com o molho de chaves que retirou do bolso do recém-morto. Encontra sua presa sozinha, e “felizmente não havia nenhuma mulher na cama com ele”, ela seria mais uma nessa estatística de vingança. Para a surpresa ou não, ele foi atrás de D.S. Ziff contou que o amigo do seminário era o mandante dos crimes. Indiferente ao ódio de José, D.S. confessa tudo, aparentemente sem medo das

represálias. Depois das últimas palavras em latim do mandante, José mata aos poucos aquele que já foi seu companheiro em épocas de isolamento religioso. A descrição da violência chocaria muitos leitores, mas a vontade de ver a justiça sendo feita pode acalentar a cabeça e o coração de muitos leitores justiceiros.

> Arrancar a língua de um cara é mais difícil do que arrancar um olho. Tive que fazer o D.S. desmaiar, dando vários golpes em sua cabeça. [...] Com o alicate eu puxei a língua de D.S. para fora o máximo possível. [...] Foi fácil decepá-la com a afiada faca da cozinha.

O expurgo do seu ódio é ver que ele sabe que vai morrer sentindo dor. Por isso, acorda D.S. do desmaio e sente "um grande prazer ao notar o seu olhar aterrorizado". Irônico, o narrador ostenta seu ato para expor que a primeira morte foi não poder falar. José tem a intenção de matar todos os sentidos de D.S, afinal Zé se viu traído por todos os lados.

> Eu sabia que arrancar dois olhos de um sujeito não era fácil, por isso me contentei em furar repetidamente com a faca os dois olhos de D.S. Ia cortar também os colhões dele, mas estava cansado. Encostei a Glock no nariz dele e abri um buraco de mina. Depois dei um tiro na têmpora esquerda e outro tiro na têmpora direita e outro tiro no seu peito na altura do coração. Finalmente com a faca da cozinha cortei as suas duas carótidas.

Ainda intrigado com a volta do mundo dos mortos como aconteceu com o Despachante, José se certifica que estava morto e queima seu corpo. O fogo se encarrega de queimar a casa e as prováveis evidências da presença do assassino revoltado naquela casa.

José não foi incriminado por nenhum dos crimes e se tornou amigo do policial que antes o investigava, aliás seu único amigo. O amor por Kirsten permanece em luto eterno. "A pessoa não deixa de ser quem é: dos cabelos até as unhas, da cabeça aos pés – a capilis usque ad ungues, como disse Petrônio – eu continuava sendo o que sempre fui, ainda que tivesse mudado de nome" – disse José enquanto refletia sobre a essência de matador profissional que não saíra de sua infeliz existência.

> Vi que a luz do aparelho telefônico acendia e demorei a tirar o fone dos ouvidos. Afinal atendi.
>
> "Seminarista?"
>
> "Ele", respondi.
>
> "Seminarista, tenho um serviço para você."
>
> [...] Enquanto me passavam as informações necessárias, peguei a minha Glock que estava na mesinha e fiquei admirando sua terrível simetria.

José voltava à ativa no mercado de crimes encomendados com a alcunha de “Seminarista”.

“... o grande crime a que esta literatura se refere é o “assassinato” da realidade daí que o outro, o crime em torno do qual gira o enredo, torna-se apenas um jogo.” (Figueiredo, 2003, p. 15) A narrativa de Rubem Fonseca concentrada na 1ª pessoa procura expor que a linguagem é a arma e a munição é a temática. Atinge-se um objetivo a partir da quebra da realidade, ao mesmo tempo em que se brinca com os crimes cometidos. As mortes, os questionamentos e a ausência de momentos de sua vida escondem as principais motivações, como se fosse necessário entender o porquê da presença deles para se chegar a um fim: distinguir-se e ultrapassar os limites e costumes do gênero policial. No mais, trata-se a “a linguagem como lugar onde se constroem as ficções lógicas que ocupam o vazio deixado por uma verdade final inexistente. É esta ideia de que o bem e o mal não estariam numa essência das coisas [...]” (Figueiredo, 2003, p. 19), mas na superficialidade das ações.

A tipologia do romance policial pode enganar um leitor inocente. Os procedimentos narrativos e o “modo como se constrói a ilusão de que o leitor e detetive compartilham as mesmas informações”[19] perpassam algo nem sempre questionado: o ponto de vista. “Defasado em termos de raciocínio”[20], o narrador, que é assassino e ao mesmo tempo um investigador, não observa o óbvio. Os enredos de Rubem Fonseca já tratavam de seus personagens dessa forma, conforme observa Vera: “as narrativas do autor apresentam, assim, vários personagens que, preocupados em ver o invisível, não conseguem ver o visível.” (Figueiredo, 2003, p. 13).

O narrador aposta no fato de ser um “narrador-confidente” para abusar de falta de lembrança e de um vazio existencial. O personagem José deixa lacunas sobre seu passado e sobre seu presente. Desse modo,

---

[19] Fernando Henrique aborda as distinções entre os diferentes tipos de romance policial, entretanto deixa claro que a construção da narrativa, independendo do tipo, recorre ao modo de narrar e de expor os fatos. Cordeiro, 2014, p.10.

[20] Fernando explora o fato do narrador homodiegético saber dos fatos, mas insistir na quebra da lógica originados pela “ilusão de compatibilidade de percepção entre detetive e narrador”, ou seja, o personagem José renuncia o fato de que, além de estar no meio da trama – é a caça, assume o papel de um detetive. Ele busca a verdade para salvar a si. Cordeiro, 2014, p.11.

> A ficção do autor encena, assim, o vazio existencial de indivíduos que, diante da impossibilidade de levar a fundo as virtudes que a moral tradicional apregoa, transformam-se em figuras errantes e desconstrutoras ou em nostálgicos amargurados ou ainda em cínicos, que se movem sem culpa, guiados pela moral mercantilista da troca. (Figueiredo, 2003, p. 21)

Ao mostrá-lo sem amigos, sem apegos a amores (antes e depois de Kirsten) e com uma moral particular, Vera exemplifica exatamente como José foi construído. Um matador que tira a vida de pessoas por dinheiro e sem saber o porquê possui certos princípios violados de acordo com seu interesse e que age com bastante ironia, mesmo em situações onde deveria prevalecer a seriedade. Antes de sair da casa de D.S., José toma um banho para tirar o sangue jorrado do corpo do seu ex-amigo e ainda veste as roupas dele, indicando a ausência do sentimento de culpa e de qualquer remorso.

A esse falta de decência, cabe ressaltar que é característica do romance negro. Apesar de Todorov apresentar que “nenhum romance negro é apresentado sob a forma de memórias: não há ponto de chegada a partir do qual o narrador abranja os acontecimentos do passado” (Todorov, 2006), conforme acontece com a obra *O Seminarista* de Rubem Fonseca, há características dele extremamente presentes na narrativa. O autor utiliza certos aspectos desse gênero para atingir seu objetivo

> [...] encontramos ‘a violência – sob todas as formas, e mais particularmente as abominadas – o espancamento e o massacre’. ‘A imoralidade está ali à vontade, tanto quanto os bons sentimentos’. ‘Está também presente o amor – de preferência bestial – a paixão desenfreada, o ódio sem piedade... Com efeito, é em torno dessas constantes que se constitui o romance negro: a violência, o crime geralmente sórdido, a amoralidade das personagens. (Todorov, 2006)

A transgressão dessa obra acontece nesses níveis de mudança completa da tradição. Ainda em conformidade com o trecho acima, José, guiado pelo ódio, comete seus crimes de maneira violenta para se vingar da ruptura de seus planos de se apaixonar e de se livrar da profissão de matador. Com um comportamento “regido por regras morais particulares” e “desapegado de todos os valores burgueses, mas melancolicamente envolvido com a falta de uma família”, o personagem utiliza violência psicológica, física e voltada à linguagem. O jogo da violência aparece como transgressão de valores perpetuados numa sociedade que se escandaliza facilmente. “Toda a violência exacerbada tem como alvo principal os discursos

clicherizados e reificados”[21] a fim de que a literatura não seja não só um meio de entretenimento, mas de consciência sobre convicções sociais sem fundamento. A obra possui uma lógica interna devido à finalidade que se pretende atingir, por isso “a impossibilidade de essencializar a violência, já que nos deparamos com sistemas morais particularizados”.

Fernanda Cardoso direciona essa violência contra o leitor. Pelos fatos mencionados no parágrafo acima, creio que a violência da linguagem não se dirige diretamente ao leitor, mas ao que o rodeia, afinal ele vive na mesma sociedade conservadora que os personagens da obra. “Esta hostilidade se traduz pela violência discursiva, tanto através de expedientes formais (estilo seco e entrecortado, frases curtas), como através dos recursos do conteúdo, nas situações-limite em que envolve as personagens”, como quando José solta palavrões para não prolongar um assunto que para ele não precisa ser prolongado. Isso ocorreu depois que ele ajudou a mãe de um menino que iria ser abusado por uma de suas encomendas e quando é elogiado pelo Despachante. O “foda-se” final do capítulo encerra um assunto e leva a atenção do leitor a outro fator e não ao fato narrado. Portanto, “a violência, na ficção de Rubem Fonseca, está ligada, então, ao próprio recorte que a linguagem faz da realidade, que é sempre arbitrário, imposto a partir de um determinado ponto de vista” (Figueiredo, 2003, p. 36), isto é, o narrador faz uso de uma violência condizente com suas regras internas e favoráveis a ele.

A partir desses preceitos, é possível inferir que “a melhor ficção policial contemporânea recorre, então, à convenção do gênero com uma dupla finalidade” (Figueiredo, 2003, p.15). Transpor barreiras e encontrar um ponto de conflito é a chave para o entendimento dessa narrativa. “O enredo é quase um pretexto” (Pinto, p.7) para refletir sobre o grande tema: o seminário.

> [...] sua ficção permite uma dupla leitura [...] o leitor pode prender-se apenas o desenvolvimento do enredo, deixando-se guiar pelo princípio de causalidade, ou optar por perder-se nos atalhos abertos pelo jogo da intertextualidade [...]. O segundo caminho exige um leitor que siga as pistas das remissões, que puxe os fios que o conduzirão para fora dos limites do texto, isto é, um público antenado com uma nova forma de recepção [...]. (Figueiredo, 2003, p. 13 e 14)

As citações em latim, o conservadorismo, uma certa moralidade e a libertação de todos os pensamentos retrógados associados às práticas católicas são formas de

[21] Gustavo Bernardo aponta a armadilha da linguagem do autor da obra. A violência é um pretexto para atingir valores difundidos numa sociedade cheia de pudor. Bernardo, 2004, p. 277.

abordar a influência do seminário na vida do personagem. As diversas citações de filósofos e de escritores podem guiar um leitor mais desatento. Por isso, a atenção é necessária para que se perceba a sagacidade com que a palavra é manuseada, porque há muitas intertextualidades para serem alcançadas que podem ser perdidas pela primeira impressão da narrativa policial. “O crime cometido pelos personagens é, ao mesmo tempo, o pretexto (no sentido do que mascara, encobre o verdadeiro motivo) e o “pré-texto” sobre o qual se dobra o texto que o interpreta [...]” (Figueiredo, 2003 p. 15) visto que os assassinatos possuem uma motivação maior. Nada está lá ao acaso, seja a intenção da morte seja quem mandou matar. Não há uma preocupação com a verdade, mas uma aventura “da linguagem por simulações aparentemente realistas [...] buscando modular uma visão da complexidade do mundo atual” (Pinto, p. 7). A narrativa gira em torno de ações que buscam entender por que o personagem se torna um matador com o codinome de “Seminarista”, e os fatores restantes são apenas “máscaras metafóricas de que o ficcionista se vale para apreender a realidade.”[22]

> No texto literário o jogo constante de remissões a outros textos fluidifica as margens que delimitariam a sua interioridade. [...] Nesse quadro a leitura também se deslocaliza. Se não há um dentro e um fora do texto como espaços claramente definidos, a ideia de obra como unidade fechada torna-se obsoleta. (Figueiredo, 2003, p. 12)

As referências ao seu tempo de seminário são poucas, mas a motivação para que ele o tenha abandonado se revelam quase como crises de identidade. Aludir ao latim de filósofos e santos católicos torna o texto amplo para interpretações que não se fecham somente à narrativa. Frases soltas e sem profundidade sobre seu passado são ditas no meio de uma caça ao real assassino e retiram o foco dessa temática – um jogo do narrador. “A ironia da sua ficcionalidade discursiva” é uma forma também de se pôr contra as hipocrisias das atitudes de falsos fiéis que veem a religião como fonte de redenção

> “Porque estou envelhecendo você acha o que, D.S.? Que vou ficar amedrontado e concluir que é melhor acreditar em Deus, porque se estiver certo tenho uma chance de escapar do inferno e se estiver errado não tenho nada a perder, é isso? Essa esperteza usada por todos os velhos?” (Fonseca, 2009, p. 101)

---

[22] Silvia Regina Pinto aborda o realismo presente na literatura de Machado de Assis que, de certa forma, influenciam Rubem Fonseca ao capturar as nuances do real como ponto de partida para atingir algo problematizador. (Pinto, p.1).

A razão, princípio mor das narrativas de Rubem Fonseca, é interrompida na história de José. Se estivesse plenamente racional, veria que a única pessoa que sabia de cada passo antes de ser dado era o D.S. Pode-se pensar que a razão tenha sido afetada tanto pelos ensinamentos religiosos em que prevalece a fé quanto pela manipulação de seu amigo do seminário. Mais uma vez, pessoas presentes do seminário atrapalham planos amorosos. Algo semelhante ocorreu com o personagem Eugênio exposto anteriormente, que confidenciou seus sentimentos ao padre. O poder de influência extremamente sutil prejudicam etapas da vida dos personagens. Obviamente, a persuasão e a retórica apreendidas em escola eclesiástica contribuíram para isso.

> A busca do sentido resvala da investigação dos fatos para o ato de narrar: em vez de perseguir os suspeitos para chegar à causa e ao autor do crime, procura-se um determinado foco narrativo que permita ver de maneira mais completa, ainda que não necessariamente mais verdadeira. (Figueiredo, 2003, p. 24)

José centraliza tanto sua investigação em Ziff que a torna ampla para o leitor, mas mínima para ele. Não é a suspeita verdadeira, porém permite que se veja a forma de atuação de D.S. e a forma de reação de José. Movimentos racionais sempre estiveram presentes nas obras policiais de Rubem Fonseca, afinal é o princípio de todo investigador; entretanto, nessa narrativa, a emoção “fala mais alto”, sendo o início de seu fim.

O erotismo, outra característica marcante dos enredos de Fonseca, tem espaço dividido com o moralismo do personagem. Sexo casual com qualquer mulher era despido de pudor, mas com Kirsten possuía certas regras morais. A relação sexual com ela tinha amor e uma ética interna, como não banalizar a nudez. Eles não transavam, faziam amor. Para ele, havia uma transcendência nesse envolvimento, por isso não se interessava mais por outras mulheres. Era tão diferente quanto único. Pode-se considerar que essa atitude tenha ligação com o conservadorismo apreendido durante a época de seminário. Ainda que ele fosse um indivíduo despudorado, as noções de respeito, castidade e retidão devem ter se fixado em sua mente.

Esse enredo policial procura, portanto, atingir uma esfera de associação entre religião e literatura aliada aos recursos textuais mencionados. A narrativa de um matador profissional com ética própria que é corrompido pelo seu passado e pelo

seu presente e volta à ativa como um agente “Seminarista”. A linguagem é munição para que se atinja o alvo: a ficção de Deus.

1.3 **Anjo bom ou anjo mau?**

Por que há tantas narrativas com personagens padres protagonistas? Responder a essa pergunta implica entender como outras obras tratavam a temática do envolvimento de padres com mulheres. Bem comum durante o período literário do romantismo e do realismo, alguns autores lançaram luz sobre a falta de comprometimento de religiosos com sua batina e a comunhão com a hipocrisia. Os padres eram vistos como anjos uma vez que eram representantes de Deus na Terra e semeariam a palavra d’Ele a fim de que os pecadores alcançassem o caminho divino. Entretanto, a representação dos padres não colabora com essa visão.

Neste estudo, o foco recai sobre o período anterior à ordenação – o seminário, que é um momento de formação e divisão entre dois mundos. Entretanto, após se tornar padre, depreende-se que a tentação aumenta dentro de suas atribuições e de seu novo lar, a igreja. Há diversas obras bem conhecidas do grande público que retratam o homem já ordenado padre, como *O Crime do Padre Amaro*, de Eça de Queiroz. Entretanto, em *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, há um seminarista que se assemelha bastante ao personagem Eugênio. Trabalhada de forma concisa nesta seção, cada história com sua particularidade contribui para o entendimento do uso de religiosos como personagens, tendo em vista os seminaristas aqui abordados, José e Eugênio.

Publicado em 1899, Machado de Assis elabora uma obra em que o personagem Bento Santiago é criado de forma semelhante ao personagem Eugênio. Extremamente comum à época, crescer junto de uma agregada da casa tornava-se palco para narrativas românticas. A menina chamava-se Capitu, uma mulher de “olhos oblíquos e dissimulados”, e também era vista com desconfiança pelos familiares de Bentinho. A visão de uma menina dissimulada pode ser equiparada à visão que a família de Eugênio tinha de Margarida: ambas eram meninas humildes,

mas, ao mesmo tempo, encantadoras e ardilosas, capazes de levar problemas à vida de jovens comprometidos com a religião.

Como Eugênio, Bentinho é um jovem apaixonado que já possui o seminário como destino certo, porém, por meio de artimanhas e jogos, ele consegue escapar do seminário e viver seu amor. Machado de Assis trabalha com essa temática mostrando que a fé e os dogmas são questionáveis, que as próprias pessoas são questionáveis quando possuem interesses pessoais: para ficar com sua paixão, ele arma esquemas a fim de convencer a mãe que não era para ele ir ao seminário. Por meio de uma linguagem irônica, o personagem constrói uma narrativa acerca da promessa da mãe, ora anulando ora favorecendo sua vontade de permanecer ao lado de Capitu. Ao contrário do personagem Eugênio, Bento Santiago teve malícia e esperteza para não se tornar assexuado e aproveitar tudo de bom que sua amada lhe proporcionaria.

Essa obra de Machado ficou famosa devido à grande indagação sobre a possível traição de Capitu. Entretanto, o que está em jogo é a narrativa em 1ª pessoa e a perspectiva unilateral, persuasiva e rancorosa de um personagem que acredita ter sofrido uma traição. Por essa breve explanação, a questão religiosa é abordada de forma que atendesse ao interesse do narrador-personagem apresentando o quão penoso seria a sua formação eclesiástica.

Portela (2016) identifica conceitos estereotipados nas literaturas do século XIX na ocorrência de personagens padres. O estigma presente em obras com esses participantes representa “as marcas do pensamento anticlerical que foi adotado pela estética naturalista/realista”. Pelo viés crítico, a temática religiosa tem abrangência de análise. O “estereótipo da imoralidade” se encontra nas práticas representativas de religiosos perante o impulso, vícios e interesses. Entre esses fatores, a gula, a corrupção e a “incontinência sexual” são alvos de críticas.

O enredo de *O Crime do Padre Amaro* surge como reflexo desse imaginário. A figuração do personagem padre protagonista constitui “uma moralidade reprovável: ganancioso, dissimulado, incontinente [...]”. Na construção da imagem do padre, vê-se que “no amor do pároco não havia senão brutalidade e furor bestial... o amor do padre só podia ser uma explosão momentânea do desejo comprimido”

(Queirós, 2006) no que suas intenções “continham de hipocrisia, de egoísmo, de retórica e de desejo torpe...” (Queirós, 2006).

O padre Amaro ingressa no seminário por vontade da sua madrinha, se assemelhando aos outros personagens já retratados nas seções anteriores, Eugênio e José. A vocação imposta não anula seu desejo por mulheres, por isso continua sentindo atração pelo sexo oposto. O personagem se muda para Leiria a fim de substituir o padre que havia morrido. Ao se hospedar na casa de Dona Joaneira a convite do Cônego Dias, seu antigo professor de moral, ele se encanta pela filha da dona da hospedagem, Amélia. A ironia e hipocrisia se encontram quando Cônego Dias questiona e repreende Amaro quando descobre seu romance com a jovem menina. O homem que lecionava sobre moralidade cristã também cometia a imoralidade de viver em concubinato com a mãe de Amélia. Amaro teria aprendido a corromper o sistema católico com seus superiores? A representação dos padres é configurada pelos comportamentos comuns de clérigos à época:

> Padre José Miguéis antecessor de Amaro na Sé, por exemplo, “passava entre o clero diocesano pelo comilão dos comilões”; de Padre Gusmão se diz que é “polido” e “tão cheio de lábia”; e “O Cônego Dias passava por ser rico; trazia ao pé de Leiria propriedades arredondadas, dava jantares com peru, e tinha reputação o seu vinho duque de 1815”, além da sua “‘antiga amizade’ com a Srª Augusta Caminha, a quem chamavam a São-Joaneira por ser natural de São João da Foz”. (Portela, 2016)

Depois de tanto amor e de beijos “furor no pescoço”, encontram um lar e se casam. Outro fator extremamente comum no período colonial: relacionamentos secretos. As cenas de desejo e atração sexual são descritas com fervor. O padre lançava “olhares gulosos” sobre as “revelações da sua nudez, que lhe faziam cerrar os dentes” e “a cada dia a desejava mais, dum desejo contínuo e tirânico”. Entretanto, Amélia continua se culpando pelos seus sentimentos em relação ao padre. Sofre com pesadelos e pensamentos que lhe roubavam a paz. Um acontecimento, porém, vem desabar: Amélia engravida e Amaro teme que seu cargo e imagem sejam prejudicados. Ela é mandada para longe até o parto. Amaro manda uma “tecedeira de anjos” para cuidar da criança com o custeio do padre. Contudo, Amélia morre no parto, e Amaro segue sua vida indiferente “ao destino de Amélia” ainda como padre e com diálogos sobre o momento político da época. As figurações das representações tornam o romance anticlerical, demonstrando a “humanidade dos sacerdotes de maneira satírica, quando o autor descreve os eclesiásticos do romance a partir de seus vícios” (Portela, 2016).

O autor de *Os Maias* e *O Primo Basílio* trabalha com questões que tocam a moralidade de uma sociedade cristã. Essas obras listadas acima lidam com incesto e infidelidade conjugal, enquanto o Padre Amaro está inserido num enredo do envolvimento amoroso de um padre e uma mulher. Facilitado pelo ideal realista do período, as críticas voltavam-se à quebra dos ideais cristãos. A história de Amaro e Amélia apenas refletia as práticas comuns dos clérigos que mantinham relacionamentos duradouros com mulheres, gerando filhos registrados e abastados.

As narrativas religiosas possuíam a intenção de mostrar as hipocrisias da falsa moralidade, do comprometimento falho e da vocação imposta. A falta de vocação sacerdotal provoca certos destinos trágicos e a ruptura com certos estilos de vida e dogmas já instaurados. Os enredos se concentram nos atributos ruins de se ordenar, visto que a imposição de um celibato e de uma vida enclausurada não foram escolhas pessoais, mas alheias e sem respeito à individualização. Portanto, a personalidade e o caráter são atingidos modulando um imaginário literário sobre esse segmento. Tudo que é imposto gera desordem — no caso dos personagens, desordem mental e comportamental.

A religião, que na raiz da palavra significa *religare* (religar-se), não tem esse papel negativo. Os homens, fiéis, cumprem esse papel. São eles que não praticam a religião de forma coletiva, mas pessoal. O padre “cumpre a função de ser mediador entre a humanidade a Deus, sobretudo através do culto”. Estar disposto a aceitar essa função exige entrega total e voluntária, pois “a vocação é, antes de tudo, um mistério pessoal: relação profunda entre Cristo, que escolhe a quem e como quer, e o escolhido, que aceita o chamado”. Por esse motivo, Amaro “trazia no coração o sentimento de que ‘tinham-no impelido para o sacerdócio como boi para o curral’”. O atrito entre vocação e gostos religiosos se misturava e gerava confusão em pessoas que já tinham afeição pelos ideais católicos. Essa situação aconteceu explicitamente com Eugênio e Amaro. Este revela que

> Nunca ninguém lhe consultara as suas tendências ou a sua vocação. Impunham-lhe uma sobrepeliz: a sua natureza passiva, facilmente dominável, aceitava-a como aceitaria uma farda. De resto, não lhe desagradava ser padre. (Queirós, 2006)

A restrição que interferia nessa vocação era a do celibato. Os sacerdotes “são retratados nos romances como infiéis à disciplina do celibato eclesiástico ou como atormentados por uma paixão incompatível com a referida disciplina” (Portela, 2016).

Serbin (2008) explicitou que o celibato obrigatório aliado a uma rotina disciplinar intensa e violenta conduziam os noviços e ordenados a condutas antiéticas voltadas ao sexo e à distorção da sexualidade. Os homens que se sujeitavam à castidade eram equiparados a anjos pela purificação do corpo e da alma. Esse hábito gerava sentimentos contraditórios visto que “uma coisa é a vocação ao celibato, outra é a vocação ao sacerdócio”: “é certo que o carisma da vocação sacerdotal, ordenado ao culto e ao serviço religioso e pastoral do povo de Deus, se distingue do carisma que leva à escolha do celibato como estado de vida consagrada” (Paulo VI, 1968, n.15 Apud Portela, 2016). Não só Eugênio sentia essa confusão interna, mas também Amaro “quando se sentiu confuso por causa do amor que sentia por Amélia, ‘amaldiçoou, num desespero, ‘a pega da marquesa que o fizera padre’, e o bispo que o confirmara’”. Esse olhar de mediação sobre o celibato credita a visão sociológica sobre esse fator, pois o campo social, o qual inclui aspectos acerca da moral e da castidade, colaboram na figuração das cenas e dos personagens.

Portanto, a concepção de anjo é variável quando se observam ângulos sobre a motivação dos atos e a origem de um problema. Estar predestinado à vida eclesiástica não anula o fato de que são seres dotados de caráter e personalidade. Entregar-se aos prazeres mundanos não revela que, de certo modo, houve o comprometimento com uma relação, a divina. Vestidas de ironia e munidas de críticas, as narrativas aqui apresentadas fornecem riquezas de interpretações e base para compreensão de uma sociedade fundada nos preceitos católicos.

2 **A REPRESENTAÇÃO DO SEMINÁRIO**

2.1 **O celibato**

Por que, para servir a Deus e ser um representante da Igreja Católica, é necessário renunciar ao matrimônio e às relações sexuais? Esse questionamento está presente no mundo ocidental bem antes dos séculos em que se passam as narrativas dos ex-seminaristas Eugênio e José – protagonistas desse estudo. Pelo viés católico, um homem que se ordena padre exerce um “casamento” com Deus e, portanto, deve se manter fiel a ele. O mesmo aconteceria, por exemplo, em relações monogâmicas: há um consenso entre as partes para que se sejam fiéis ao seu parceiro.

Porém, ao falar de celibato clerical, é necessário entender o significado dessa prática e separá-lo de outros pontos, como a castidade, a vocação virginal e o celibato sacerdotal:

> O celibato sacerdotal é uma condição de oferta total da pessoa ao serviço de Deus e da comunidade. Vincula-se à vocação virginal, mas não se identifica totalmente a ela. Religiosos que não exercem a função sacerdotal também podem manter a vocação virginal por um compromisso ou voto. Pessoas casadas – que, portanto, não podem ser celibatários – podem assumir num certo momento da vida um voto virginal, mantendo-se unidos mas sem terem mais relações sexuais. [...] a vocação virginal é a renúncia da vida sexual ativa – ou seja, não é preciso ser virgem para escolhê-la. Nela, a pessoa renuncia a uma vida sexual ativa, para canalizar toda a sua energia e toda a sua pessoa à relação com Deus [...] Já a castidade ‘é o estado de integração positiva da sexualidade na pessoa’, de acordo com o Catecismo da Igreja Católica, compêndio com a doutrina católica. Para os casados, a castidade se exerce mantendo relações sexuais e sendo fiéis um com o outro; para o solteiro, abstendo-se de práticas sexuais próprias dos casados.[23]

Essa explicação do sociólogo Francisco Borba Ribeiro Neto, coordenador do Núcleo Fé e Cultura da PUC-SP, torna claro que o celibato clerical precisa da vocação para a abstinência para que ocorra de forma completa, pois não basta só doar-se à religião, mas sim exercer completamente o casamento, renunciando à vida sexual com outras parceiras (e até parceiros). Logo, o ciclo se fecha com a castidade, visto que, ao assumir sua devoção sacerdotal (celibato) e abdicar do

[23] Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/internacional-45489668

sexo, o homem se torna casto e preparado para sua carreira (ou casamento) celestial.

Essa prática católica teve início com uma preocupação maior: prestígio e ego. Os clérigos e papas tinham “uma preocupação com a chamada "’degradação moral’ do clero, naqueles tempos de Idade Média e Igreja Católica superpoderosa” [24] Desse modo, foi decretado no concílio de Latrão que “clérigos não poderiam casar ou mesmo se relacionar com concubinas”.[25] Entretanto, o relacionamento amoroso e sexual entre padres e mulheres era extremamente comum na Europa e no Brasil colonial, conforme será exposto neste capítulo.

Mesmo diante de tantas críticas, a manutenção de celibato foi defendida em outro Concílio, o de Latrão, em 1215, e no Concílio de Trento (entre 1545 e 1563). Essas reafirmações, diante das assembleias, serviriam para evitar que houvesse relacionamentos indevidos e crimes derivados, como a pedofilia. Mas, segundo Altemeyer Junior[26], “o sentido maior é que haja um missionário livre para assumir missões e cargos." Diante disso, depreende-se que a mulher era vista como uma distração e como um obstáculo no exercício das obrigações sacerdotais. Além disso, possuir herdeiros atrapalharia seu destino clerical, pois “libera os padres para realizar o trabalho pastoral sem o fardo de uma família” (Serbin, 2008, p. 141) e afeta a sua imagem perante a sociedade, considerando a problemática em torno do casamento com Deus.

Acredita-se, no entanto, que a pedofilia e crimes correlatos tenham no celibato uma das suas causas principais. A mulher, um ser derivado da costela de Adão, segundo a Bíblia, não pode possuir a titulação comparável a de padre. Há só uma palavra que possa se referir a esse posto, mas, mesmo assim, não é equivalente – madre. Trechos da obra de Bernardo Guimarães, como os momentos em que Margarida é subjugada pelos padres e pela mãe de Eugênio, podem ser compreendidos como um “ataque direto à misoginia da Igreja, que desde sempre colocou a mulher em segundo plano, sem jamais usufruir dos mesmos direitos dos

[24] Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/internacional-45489668
[25] Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/internacional-45489668
[26] Altemeyer Junior é doutor em Ciências Sociais e atua no Departamento de Ciência da Religião da PUC-SP. Suas considerações contribuíram para a compreensão da existência do celibato na divulgação feita BBC. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/internacional-45489668

homens” (Lima, 2015, p. 404). Considerando o passado impuro da mulher, ela vem sendo vista como a originadora da desgraça humana.

Essa supremacia masculina não possibilita às mulheres se ordenarem no sacerdócio. A castidade para as mulheres volta-se ao posto de freira que, em muitos casos, era uma punição e uma forma de redenção para mulheres que cometessem algum pecado. “A misoginia comum da religião católica seria um exemplo da profanação dos homens, mais interessados em seus interesses particulares e pecuniários do que em uma forma igualitária de se viver.” (Lima, 2015, p.404) Portanto, a Igreja atua com forte interesse na suposta superioridade masculina, em detrimento da força feminina capaz de guiar uma nação religiosa.

Outro fator igualmente importante que isolava e isola a mulher do celibato clerical e, consequentemente, da formação eclesiástica, é o imaginário criado pelo seu poder de sedução. Os argumentos do padre João Franco[27] que defendia a perfeição clerical (a vocação para a castidade cumprida fielmente) a qual consistia, em parte, evitar “[...] olhar, conversar e tocar as mulheres” demonstram que a mulher “era motivo de perigo” (Dillmann e Fleck, 2019, p. 41). Ainda complementa que:

> Em matéria de mulheres tudo quanto há, tudo é proibido; porque é proibido que lhes fale, que as veja, que as toque, que as converse, que as deseje, e até que se lembrem delas é proibido” [...] porque do olhar passa o homem a desejar. Do cuidar passa ao deleitar. Do deleitar passa a se determinar. Do determinar passa a pecar. E do pecar passa a se condenar. (Dillmann e Fleck, 2019, p. 32 Apud Franco, João. Mestre da Virtude, p. 232)

O corpo feminino possui, portanto, “uma visão negativa”[28], o que degrada a mulher e a exclui dos ofícios religiosos. Além disso, há diversos relatos que comprovam a punição de mulheres pelos delitos cometidos pelos padres. Ou seja, tal fato demonstra que a supremacia masculina ainda era evidente mesmo quando se tratava de delitos religiosos. Não bastassem as sanções sofridas em vida, as mulheres que morriam em decorrência do parto originado de relação sexual com clérigos amargavam em penalizações pós-morte:

---

[27] O padre português João Franco publicou em 1745 uma espécie de manual sobre os modos de ser bom religioso chamado de “Mestre da Virtude”. Nele, “há direcionamentos que seguiam a moral da Reforma Católica [...] buscando delinear os melhores meios para que o clero alcançasse um eficaz proveito espiritual [...]” (Dillmann e Fleck, 2019, p. 32).

[28] Junior, Robert Daibert. *Entre homens e anjos: padres e celibato no período colonial no Brasil*. In: *História dos homens no Brasil* / organização Mary del Priore, Marcia Amantino.2013, p. 58.

> O Sínodo de Braga, em 1281, previu a excomunhão e privação de sepultura eclesiástica para as mulheres que morressem em situação de concubinato com padres. [...] Os corpos dessas mulheres não podiam ser enterrados em cemitérios contíguos às igrejas. [...] Tais interdições duravam enquanto os restos mortais da concubina não fossem removidos.[29]

Tal fato pode ser observado quando tanto os pais do menino Eugênio quanto os padres do seminário veem a moça Margarida como um ser perverso que pode desorientar o seminarista de seu caminho religioso. Eles a punem isolando-a de seu amor de infância e condenando-a a um futuro digno de lástima, uma vez que nunca alcançou felicidade plena no amor e nas suas aspirações pessoais. A menina ainda acredita no folclore de se tornar mula sem cabeça, pois crê que "toda mulher que quer bem a um padre vira mula sem cabeça" (Guimarães, 1985, p. 53). Histórias assustadoras inventadas para afastar mulheres de homens religiosos.

Essas mulheres que entravam na vida de homens predestinados à vida celibatária eram extremamente marginalizadas, justamente por ameaçarem o preceito de isolamento sexual dos padres. Relacionar-se com os religiosos era visto como um dos piores pecados:

> [...] uma vez que ameaçavam a ordem do Reino e a salvação de todos os cristãos por praticarem um pecado mortal. As barregãs[30] dos padres eram consideradas mais desprezíveis que uma prostitura comum. Sobre elas recaía a responsabilidade de ter desvirtuado um homem santo e sacerdote, transformando-o em anjo decaído. Por isso, recebiam punições mais severas do que seus parceiros e do que outras concubinas[31] [...] previam o cácere e o degredo por no mínimo um ano, conforme o caso.[32]

Essas punições e perseguições ignoravam o fato de que muitas mulheres eram violentadas sexualmente, chantageadas e induzidas à relação sexual em troca de algo que o padre oferecesse. Novamente, reforçava-se o estereótipo de que o celibato era ameaçado quase que exclusivamente pela sedução feminina. Como ainda ocorre hoje, é mais fácil impor uma culpa de um erro à mulher do que imputá-

---

[29] Junior, Robert Daibert. *Entre homens e anjos: padres e celibato no período colonial no Brasil*. In: *História dos homens no Brasil* / organização Mary del Priore, Marcia Amantino.2013, p. 57.

[30] As mulheres que se relacionavam com clérigos eram de barregãs – uma palavra pejorativa que marcava as concubinas.

[31] Há três tipos de concubinato: mulheres que se relacionam com homens casados, as que mantinham relações com homens solteiros fora do casamento e as que se relacionavam com religiosos.

[32] Junior, Robert Daibert. Entre homens e anjos: padres e celibato no período colonial no Brasil. In: História dos homens no Brasil / organização Mary del Priore, Marcia Amantino.2013, p. 58.

lo a quem forçava uma situação. Mais uma vez comprova-se que a literatura é uma extensão e um reflexo de fatos cotidianos da sociedade.

Associar as mulheres à sedução e à desgraça humana é prática bíblica. Logo no início da narrativa de 1872, de Bernardo Guimarães, a jovem Margarida já é vinculada à imagem da Eva, a qual é corrompida pela tentação da cobra, ou seja: a mulher é corruptível e corruptora, enquanto o homem é apenas vítima dos poderes femininos. Em época da colônia e do Império, momento em que a história de *O Seminarista* de Guimarães ocorre, havia esse preceito de penalizar as pessoas que, de uma certa forma, ameaçassem a ordem da tradição cristã.[33] As condenações aconteciam de variadas formas para reprimir esse grupo social, além de obviamente reprimir a sexualidade inerente a qualquer ser humano.

> Essas mulheres eram punidas, marginalizadas e silenciadas em nome do projeto de purificação e ordenamento da cristandade. Espécies de Evas, eram temidas e perseguidas justamente por fazerem dos padres homens comuns, deslocando-o da aura de sacerdotes divinos, despindo-os da roupagem de anjos. Na tradição cristã, é o pecado de Eva que afasta o homem de uma realidade transcendente no paraíso. [34]

Dentro dessa perspectiva, houve a necessidade da implementação do celibato. Tal prática serve para reparar a imagem do homem que se rendeu à mulher e também indicar uma purificação justamente para "alcançar novamente a pureza perdida"[35]. Porém, para que houvesse uma maior aceitação e engajamento nessa conduta, eram necessários mais argumentos bem fundamentados. Para isso, a "Igreja investia sobretudo na construção de uma identidade mais definida para o clero"[36]. A renúncia às relações sexuais era garantia de boa saúde, e o coito "debilitava o corpo e abreviava a vida"[37]. No mais, tal concepção indicava "a vitória do corpo sobre a alma" visto que venceria seus impulsos corporais em razão de um ideal.

> Nessa espécie de caminho de purificação difícil, e, por isso meritório, está implícita a ideia de antecipação da vida eterna e das condições em que ela será vivida. Por meio desse exercício de renúncia, imaginava-se poder reaproximar-se de Deus, à semelhança de anjos.[38]

---

[33] A Igreja Católica possui um histórico de perseguição violenta a tudo que a inquiete - o mesmo ocorreu de maneira mais extrema nas Cruzadas.
[34] Junior, Robert Daibert. Entre homens e anjos: padres e celibato no período colonial no Brasil. In: História dos homens no Brasil / organização Mary del Priore, Marcia Amantino.2013, p. 58.
[35] Idem
[36] Idem, p. 59.
[37] Idem
[38] Idem

Era essa aproximação ao celestial que o menino Eugênio temia e que tanto seus pais e professores padres lutavam para que ocorresse. Eles lutavam contra as suas vontades particulares que o faziam se afastar de Deus. O celibato imposto e não por espontânea vontade provocava manifestações prejudiciais em sua vida e até mesmo para a Igreja Católica, já que formava um padre sem vocação e com tantos desejos recalcados.

O Padre Feijó, já citado nessa dissertação, defendia o fim do celibato imposto. Ele "defendia a liberação do clero do celibato forçado alegando que este não tinha base legal que o sustentasse, pois não fora imposto ao clero por lei divina nem por instituição apostólica"[39], mas justamente por homens que acreditavam na força do celibato para restituir o respeito aos representantes católicos e para enaltecer o esforço exclusivo que padres tinham. A princípio, o padre Antônio Diogo Feijó defendia esse fim com base na aceitação do matrimônio legal e no reconhecimento de filhos concebidos de relação extraconjugal entre mulheres e padres. Em suas considerações, ele denunciava que manter um relacionamento cotidiano com mulheres e filhos já era uma prática comum e bem vivenciada pela população, principalmente, as interioranas. Essa realidade ia além de casamento e filhos assumidos em segredo. Para que não perdessem o cargo político e social de padre, disfarçavam-se com perucas e roupas de marinheiros, iam a prostíbulos, deixavam filhos sem assumi-los e abusavam sexualmente de escravas. Eles "despiam-se da batina para brincar de homens comuns"[40]. Serbin (2008) ainda revela que, mesmo em épocas mais atuais, os seminaristas julgavam o celibato imposto desnecessário ainda que apreciassem o seu valor (ideal), pois acreditavam que trazia distúrbios psicológicos e afugentava os homens do sacerdócio.

Diante dessas imposições, Ana Carolina demonstra em seu artigo como o celibato fornece uma sensação de se tornar um ex-homem. Ela estuda um romance incompleto de José de Alencar cujo título, *Ex-homem*, induz ao pensamento de que o homem se sente menos homem por causa das amarras e repressões que vêm das imposições da igreja Católica. Trata-se de um romance que não teve um final escrito, que se voltava novamente ao eixo do envolvimento bem sutil, mas romântico

---

[39] Soares. A. C. E. C. *Representações Textuais da Masculinidade: o celibato clerical em "Ex-Homem" de José de Alencar.* 2012, p. 68.
[40] Junior, Robert Daibert. Entre homens e anjos: padres e celibato no período colonial no Brasil. In: História dos homens no Brasil / organização Mary del Priore, Marcia Amantino.2013, p. 71.

entre um padre e uma menina do campo e de coração puro. Ela descobre que seu amor sem nome e sem identidade é padre, quando ela vai visitar uma senhora e seu amor desconhecido rezava pela doente. Com temática semelhante a *O Seminarista* de Bernardo Guimarães, o romance de Alencar fornece base para ressaltar a problemática em torno da masculinidade reprimida pelo celibato religioso, o qual

> [...] estava se construindo na premissa moral de que a religião conferiria aos religiosos a possibilidade do desenvolvimento de uma caráter ilibado, ou seja, um homem de princípios, honrado, e, portanto, um excelente candidato ao papel de marido [...] A ideia do celibato como uma condenação [...] era uma maneira de entender que a proibição prejudicaria a uniões de amor entre almas puras [...][41]

A ideia de um caráter ilibado volta-se à sensação de castração. Não é por menos que Ana Carolina Soares (2012) vincula o romance ao ideal de que o homem se encaixa em uma nova categoria. Ainda que fatídico, o pensamento de que o homem deixa de ser homem (ex-homem) porque não faz sexo afetava a psiquê dos rapazes que acreditavam na devoção ao santíssimo. Por mais que lutassem contra seus desejos e contra suas indagações, viam que se relacionar sexualmente não tornavam seu amor e servidão a Deus menor.

A "tentativa de controlar corpos femininos e masculinos em relação ao prazer" (Soares, 2012, p. 79) geraria uma série de consequências[42]. Os significados por trás do ato de banir o sexo trariam potencialidades políticos e sociais para a Igreja, mas para o homem:

> [...] reforça o tipo de discurso sobre a masculinidade que existia no século XIX, através da imagem do celibato como um sacrifício que retiraria do homem aquilo que o faz ser masculino. O celibato faria com que sua existência fosse castrada de sua essência[43].

A representação dessa prática evidencia certas construções sociais e literárias sobre dogmas masculinos que refletiam na mulher, como já exposto.

O imaginário construído em torno do celibato católico tornou-se, portanto, mais profano do que sagrado. Essa vida assexuada incendeia pensamentos de como seria a quebra da moralidade sexual dos padres e freiras. Observa-se, por exemplo, diversas fantasias de carnaval – uma festa profana – com caracterizações

---

[41] Soares. A. C. E. C. Representações Textuais da Masculinidade: o celibato clerical em "Ex-Homem" de José de Alencar. 2012, p. 77.
[42] A psicologia reversa se encaixa nessa situação de controle de impulsos corporais: diga para não fazer que a pessoa fará.
[43] Soares. A. C. E. C. Representações Textuais da Masculinidade: o celibato clerical em "Ex-Homem" de José de Alencar. 2012, p. 80.

sensuais de religiosos e freiras. Logo, percebe-se que foram criadas certas concepções de uma vida restrita de sexo.

Aliados a esses pontos e à falta de comprometimento dos padres, o sentimento de estar inserido em uma classe de ex-homens servia de motivação para que cometessem crimes contra a humanidade. Muitos padres abusavam de seus poderes e moral para infringir o celibato conforme já foi mencionado. Diversos casos ocorriam dentro das paróquias. Segundo a autora Lana Lage Lima[44], os religiosos enganavam fiéis com suas falas ricas em retórica e boas intenções para que conseguissem realizar suas aspirações sexuais. Os fatos com que mais se deparavam eram: absolvição de pecado por meio de mecanismos sexuais (carícias, afagos e masturbação), beijos de língua e esperma para expulsar demônios, reparar virgindades, interromper gravidez, arranjar casamentos e galanteios, como envio de flores. Essas práticas configuravam "um completo abraço entre o profano e o sagrado"[45].

Para além de violação do celibato com mulheres, os tribunais católicos identificaram outro grande perigo para o celibato: mancebia e pedofilia. Um fator que atrasava tais julgamentos é o fato de poucos casos serem divulgados justamente pela vergonha que causava. Uma vez que se envolver com mulher era muito notório, era mais fácil se envolver com crianças dentro de suas capelas e com homens dentro do seminário e companheiros de profissão. A falácia do celibato provocou diversos transtornos. A sodomia era um pecado abominável pela Igreja. Quando julgada, teria penas rigorosas, como morte na fogueira.

> Entre as mais diversas categorias de classificação desse crime, a considerada mais grave era a sodomia perfeita, isto é, aquela praticada por homens que buscavam prazer com parceiros do mesmo sexo por meio de penetração anal e com emissão de sêmen.[46]

O rompimento com o celibato não necessariamente ocorria entre homens quando havia penetração. Há outras formas de praticar a relação homoerótica como "tocamentos desonestos ou torpes, torpezas, práticas obscenas, beijos e abraços,

---

[44] A autora estudou e publicou em seu livro "*A confissão pelo avesso: o crime de solicitação no Brasil colonial*" propostas amorosas e sexuais de padres antes e depois da confissão. Segundo ela, "a absolvição dos pecados era utilizada pelos padres como meio de submissão dos fiéis aos seus desejos lascivos".

[45] Junior, Robert Daibert. Entre homens e anjos: padres e celibato no período colonial no Brasil. In: História dos homens no Brasil / organização Mary del Priore, Marcia Amantino.2013, p. 74.

[46] Idem

[...], punhetas, coxetas, toques nas partes pudentas e ocultas, palavras meigas”[47]. Tais ações eram consideradas de baixo potencial pecaminoso, visto que não ocorria a penetração.

Conforme dito acima, padres se envolviam com seus colegas de profissão. Estar num mesmo ambiente, isolados, presos em seus desejos sexuais e sem julgamento social, como ocorria com as mulheres, facilitava esses encontros. Dificilmente os casos eram descobertos, o que tornava a quebra do celibato mais atraente.

Outra forma de obter sexo com outro homem era atrair jovens de diversos segmentos sociais e de várias idades. Verônica de Jesus Gomes se deparou com a seguinte situação na Bahia:

> Fora dos quadros clericais, os parceiros sexuais dos padres eram, em sua maioria, meninos, rapazes ou homens pobres, estudantes, criados e escravos [...] que exerciam profissões típicas das camadas sociais baixas e médias, como soldados, alfaiates, cirurgiões, boticários, carpinteiros e feitores. Em menor escala [...] alguns mantes de padres entre a nobreza e pessoas ligadas a altos cargos da administração, como o caso de um filho do governador da Bahia, até mesmo um familiar do Santo Ofício chegou a figurar na lista. [...] havia a predileção por parceiros jovens, numa média entre 12 e 24 anos. Mas havia também casos fora dessa faixa etária. Um padre chamado Frutuoso, processado ela Inquisição, confessou ter se relacionado com cerca de quarenta parceiros, dos quais alguns, por serem tão pequenos, segundo seu relato, não conseguiam entender a gravidade da falta que cometiam.[48]

A violação do celibato por meio da pedofilia já era uma prática tão comum quanto o envolvimento de padres com mulheres. A facilidade de ter acesso a todos os jovens e a probabilidade imensa de sigilo asseguravam a consumação desses atos. Não espanta tal situação ainda ocorrer atualmente nos templos religiosos católicos justamente pela penalização leve quando se é descoberto (ou pela falta dela). A pedofilia é tratada pelo personagem José da mesma forma que muitas pessoas comuns tratariam: com crueldade. Não é por menos que “o leitor fica sem saber se o protagonista é um matador ou um justiceiro, ou um matador que se transforma em justiceiro” (Bernardo, 2014, p.276): afinal, a ausência de condenações e o nível alto de barbárie desse ato estimulam um sentimento catártico

---

[47] Verônica de Jesus Gomes divulgou em seu livro “Vício dos clérigos: a sodomia nas malhas do Tribunal do Santo Ofício de Lisboa” registros que encontrou na Bahia que se voltavam às práticas sexuais entre homens no meio religioso.

[48] Junior, Robert Daibert. Entre homens e anjos: padres e celibato no período colonial no Brasil. In: História dos homens no Brasil / organização Mary del Priore, Marcia Amantino.2013, p.

de punição pelas próprias mãos. Talvez até o personagem tenha vivenciado isso em seu tempo no seminário – algo extremamente comum como já visto.

É possível suspeitar que o menino Eugênio tenha sofrido – sofrido, porque é um duplo martírio estar no seminário contra sua vontade e receber galanteios de um padre. De narrativa extremamente sutil até para não atacar violentamente a Igreja, há indícios de que o padre tinha um interesse maior na aceitação do seminário pelo ingênuo Eugênio (cabe o uso dessas palavras juntas pela demonstração proposital de inocência nata, não percebida nas possíveis investidas do padre) que tinha um perfil acanhado – logo, alvo fácil. Idas ao seu quarto para "práticas e confidências íntimas com o padre diretor" (Guimarães, 1985, p.82), elogios e uma insistência considerável permitem essa suspeita. Além disso, o personagem é adjetivado constantemente pelo narrador de mancebo. Vindo de um narrador que critica sutilmente as práticas católicas e fornece indícios para uma interpretação mais aguçada, a utilização dessa palavra frequentemente na narrativa que tem "peles" de leitura[49] concede licença para que se entenda esse termo tanto como sinônimo de jovem quanto como concubino. Inclusive, seus colegas de seminário se questionavam "que ia, porém, fazer aquele estudante duas vezes por semana ao quarto do padre-mestre-diretor?...".

Desse modo, o celibato clerical permeia entre o sagrado e o profano. Ele se divide entre respeitar a moral imposta pela Igreja e agir conforme os impulsos corporais. É um reflexo distorcido de uma sociedade que tem princípios morais e éticos compatíveis aos do celibato, mas que age com libertinagem em seu íntimo. O envolvimento com mulheres e homens é apenas um pretexto para reassumir sua sexualidade abusando de poderes conferidos a eles. Comprova-se, também, que obrigar jovens a ingressarem num celibato forçado traz consequências terríveis para o seu aspecto psicológico.

Além dos prejuízos do celibato, é por meio dele que se torna mais evidente o estereótipo feminino. Subjugar mulheres com a justificativa de que elas são as maiores culpadas pela desvirtualização do homem padre é afirmar que é mais fácil culpar as mulheres pela falta de compromisso dos religiosos do que realçar o abuso

[49] Gustavo Bernardo (2014), realizando uma associação às frequentes metáforas da obra com a cobra ardilosa do Éden, apresenta hipóteses de interpretação para a narrativa de Bernardo Guimarães: uma de cunho bem religioso e outra bem agressiva, voltada à Igreja e aos clérigos.

da superioridade masculina para obter relação sexual. Portanto, não é sem motivo que Margarida é constantemente associada à Eva.

De papel quase protagonista, entender que o celibato provoca certas atitudes históricas e até nos personagens significa compreender que há um jogo de representação por meio dessa prática religiosa. Reprimir seus impulsos corporais, a justificativa para tal ato, os envolvidos no processo e a finalidade disso estão apresentadas tanto nas obras quanto nesse estudo. Os fatores implicados nessa fase da vida de um homem são de base para todos os questionamentos derivados.

2.2 **A polifonia do seminário**

Esta dissertação trata da representação dos seminaristas e do seminário e de suas implicações. Logo, é necessário também abordar a construção discursiva desses protagonistas. As estratégias discursivas bem como a recepção figuram na interpretação dessas narrativas que possuem como foco a intervenção da Igreja Católica na vida de jovens meninos. A imagem construída pelos narradores desenha as possíveis leituras originadas dessas histórias.

As obras de Rubem Fonseca e de Bernardo Guimarães possuem um processo de seleção e combinação de elementos textuais que permitem a configuração da narrativa e, consequentemente, a construção do imaginário. A intertextualidade bem evidente origina-se da necessidade de fornecer uma imagem do seminário bem como de seus personagens ex-seminaristas. “A seleção é uma transgressão de limites na medida em que os elementos acolhidos pelo texto se desvinculam da estruturação semântica ou sistemática dos sistemas de que foram tomados” (Iser, 2002, p.260), portanto os recursos textuais desenvolvem uma transgressão uma vez que retiram elementos do contexto original para inseri-lo em natureza diversa, seja sociocultural seja literária.

O livro mencionado pelo personagem José, *The God Delusion (Deus, um delírio)*, é um exemplo dessa realocação semântica. Ao selecionar um livro escrito por um ateu, Richard Dawkins, e introduzi-lo na narrativa, o autor lhe confere outra proporção de sentido. O personagem é um ex-seminarista que lê uma obra que

tenta “converter seus leitores teístas em ateus, pois a(s) religião (ões) é (são) um mal que necessita (m) de um freio” (Lima, 2015, p. 397). A narrativa já possui uma crítica aos fiéis e à Igreja Católica e, ao lançar esse livro, permite interpretar que pessoas as quais já tiveram envolvimento com as práticas religiosas se revoltaram e pretendem disseminar essa repulsa. Afinal “os homens nunca fazem o mal tão plenamente e com tanto entusiasmo quando o fazem por convicção religiosa” (Dawkins, 2007, p. 322 Apud Lima, 2015, p. 397). Nessa mesma trilha de pensamento, podemos recordar as falas irônicas sobre a falsa fé dos praticantes expostas no primeiro capítulo. O narrador representa em diversos momentos a religião como um meio de salvação e purificação, principalmente em situações conflitantes, como a morte. Esse livro é uma munição para fazer uma crítica contundente à religião católica e a seus adeptos. Esse intertexto constrói um universo para interpretação do personagem.

Os dizeres de santos católicos e os trechos em latim também vão pelo mesmo viés acima. O discurso é retirado de seu contexto original, descontextualizado, para adequá-lo ao objetivo do enredo. Por isso, há uma força negativa e positiva nesses contextos. Os enunciados servem tanto para criticar a Igreja quanto para dar credibilidade aos pensamentos e ações dos personagens. Uma força ficcional que leva à transcendência, uma vez que se vale de concepções para atender as suas necessidades as quais vão desde a afirmação de prazeres rechaçados pelos ideais católicos à negação das atitudes e pensamentos dos outros personagens.

> A seleção retira-os desta identificação e os converte em objeto de percepção. [...] a seleção dá a conhecer os campos de referência do texto como os sistemas existentes em seu contextos, campos que se dão a saber no momento em que, através do ato de seleção, serão transgredidos. [...] Os elementos que o texto retira do campo de referência se destacam do pano de fundo do que é transgredido. Deste modo, os elementos presentes no texto são reforçados pelos que se ausentaram. [...] E o mundo presente no texto é apontado pelo que se ausenta e o que se ausenta pode ser assinalado por esta presença. (Iser, 2002, p. 961)

As posições tomadas a partir de uma perspectiva concebida pela seleção de um material promovem intervenções sobre julgamentos. Normas e valores assumem transgressão justamente pelo limite que ultrapassam entre o mundo extratextual e intratextual. As lacunas que preenchemos são as ausências causadas pela transposição de elementos, e a sua presença na narrativa reafirma que há discussão sobre isso. A linguagem irônica de Rubem Fonseca deixa brechas em que “há

sempre supostas inconsistências e incoerências realistas que, na verdade, formulam perguntas críticas e metáforas fundamentais" (Bernardo, 2014, p. 277). O seminário é o grande foco das obras justamente porque, retirado do contexto religioso e abrigado no enredo romântico, colabora para interpretações acerca de sua centralidade nas histórias.

As formas de organização desses elementos textuais aliam-se à seleção, pois são combinadas para uma finalidade. Os campos de referência se articulam para possíveis leituras, materializando um imaginário cujas estruturas estão demarcadas no plano lexical, semântico e narratório.

> A seleção encontra sua correspondência intratextual na combinação dos elementos textuais que abrange tanto a combinabilidade do significado verbal, o mundo introduzido no texto, quanto os esquemas responsáveis pela organização dos personagens e ações. (Iser, 2002, p. 963)

Ao selecionar um determinado elemento, o texto combina-o de acordo com sua intenção. O fato bíblico da cobra na história de Adão e Eva foi escolhido para representar a imagem da menina Margarida perante os pais de Eugênio. O uso desse elemento textual foi alocado em situações cruciais da obra que levaram o narrador a expor as concepções da mãe do personagem. Quando a menina brinca com a cobra logo no início da narrativa, é associada ao comportamento persuasivo e manipulador da cobra e de Eva da mesma forma como ocorreu no paraíso com Adão e Eva. Esse fato ilustra que a menina poderia ser um meio de perversão do caminho eclesiástico de Eugênio e, portanto, seria um mal no paraíso em que a família achava que viviam. A metáfora influencia a interpretação do leitor como também já o prepara para os próximos acontecimentos do enredo uma vez que, tendo em mente que Margarida se assemelha à cobra, os próximos passos de Eugênio estarão vinculados ao poder de influência da menina. Ainda que a atenção de Iser volte-se à construção de uma realidade moldada pelo ato de fingir, a relação entre seleção e combinação manifesta o imaginário construído a partir das referências figurativas que revelam a intencionalidade do texto.

O plano lexical envolve uma forte carga semântica resultante desse processo de seleção e combinação. Gustavo Bernardo aborda essa questão no seu estudo da ficção de Deus, justamente pelo fato de os personagens estarem inseridos numa obra que possui como pano de fundo o seminário. Nessa perspectiva, "os nomes e

as personagens são o primeiro desafio à curiosidade de quem lê, mesmo tratando-se, como se diz, de uma leitora experiente" (Reis, p. 48).

Na narrativa de Bernardo Guimarães, a personagem Margarida possui um nome correspondente ao seu caráter de bondade, pureza, inocência e sensibilidade que é '"doce e suave". Eugênio é descrito como pacato, submisso e inocente, mas é tão inocente, que seu nome é uma alusão completa à palavra ingênuo. Obviamente a construção discursiva desejou evidenciar que as crianças eram desprovidas de maldade, o que é evidenciado na narrativa, tanto pelos padres quanto pelos pais de Eugênio. A menina era agregada da casa da senhora Antunes, mãe de Eugênio, e morava com sua mãe, Dona Umbelina. Em época de colônia, era comum pessoas de origem humilde e de ascendência negra se tornarem agregados da casa onde trabalhavam. Gustavo Bernardo trabalha com essa construção discursiva, baseado nas descrições do narrador:

> A menina era morena, de olhos grandes, negros e cheios de vivacidade, de corpo esbelto e flexível como o pendão da imbaúba. O rapaz era alvo, de cabelos castanhos, de olhar meigo e plácido e em sua fisionomia como em todo o seu ser transluziam indícios de uma índole pacata, doce e branda.

Para Gustavo, "o contraste entre a menina "morena" e o "alvo" rapaz sugere o primeiro qualificativo como um eufemismo para negra ou mulata. O nome da sua mãe ("Umbelina" significa "pequena sombra") e a situação de agregadas de ambas reforçam essa interpretação" (2014, p. 288). A combinação desses elementos colabora para que seja vista a situação de subserviência de Margarida e sua mãe à casa dos Antunes.

Já na obra de Rubem Fonseca, há uma série de lacunas que são preenchidas quando observadas no contexto do seminário. O nome do protagonista lembra o "pai adotivo (digamos assim) de Jesus Cristo, reforçando a temática religiosa" (Bernardo, 2014, p. 276) e se contrapõe ao seu ateísmo e até fortifica sua relação com a Igreja. O nome da sua amada, Kirsten, também possui uma relação bastante forte com o catolicismo já que significa "cristã". É possível fazer uma inferência religiosa também à caracterização do pai de Kirsten, o Despachante. Um sujeito "'magro e alto, muito branco, louro' – lembra a imagem que temos de Deus [...] Os 'olhos azuis rutilantes que relampagueam' reforçam a imagem do personagem, construindo desse modo uma ironia fortíssima sobre a figura da divindade" (Bernardo, 2014, p. 278 e 279).

A volta da morte do Despachante também é alvo de uma leitura mais reflexiva; afinal “a morte e a imediata ressureição do Despachante, sem qualquer explicação, o credenciam ao papel de Deus: um sujeito que não mata, mas manda matar, através de seus anjos-especialistas” (Bernardo, 2014, p. 278) – o seu anjo-especialista é o José. Como já exposto, homens que se dedicavam ao estudo da religião e à carreira eclesiástica, eram vistos como anjos – seres enviados por Deus para guiar uma nação. Nada mais óbvio do que a filha do Despachante obter uma relação com a palavra “cristã” – uma mulher que seguiu as ordens de seu pai para investigar e matar José. O nome do amigo de seminário do protagonista causa ainda mais interesse dentro dessa temática religiosa. Gustavo sustenta que a erudição de Rubem Fonseca proporciona “um conjunto muito forte de ironias”, pois é possível inferir que

> [...] a sigla alude ao *Enchiridion Symbolorum et Definitionum* – em português, *Manual de credos e definições* -, de autoria do pioneiro da teologia dogmática e histórica na Alemanha, Heinrich Denzinger, e atualizado mais tarde por outro teólogo, Adolf Schonmetzer. Os dois nomes explicam a sigla “DS” para o manual, referente a “Denzinger- Schonmetzer”. (Bernardo, 2014, p.282)

Esse manual contém os decretos e concílios da época e é uma “fonte de consultas das principais heresias, ou seja, dos principais inimigos da Igreja” (Bernardo, 2014, p. 282). Logo, haveria uma ironia no fato de que o personagem D.S. é o mandante dos crimes e executante de um dos pecados mais repelidos – matar. Ele “evolui na história de coadjuvante a antagonista”: tanto é amigo quanto inimigo, sempre tem dois lados, da mesma forma como o manual tem dois autores.

Outra hipótese foi levantada por Bruno Lima: “DS lembra a maneira como os judeus de língua portuguesa se referem a Deus.” Novamente, há uma referência a Ele dentro do contexto de um mandante de assassinatos. Os judeus

> [...] recorrem a uma contração impronunciável, “D’us”, uma vez que não podem falar seu nome em vão, sequer nomeá-lo. Alguns religiosos de certas igrejas evangélicas também escrevem Deus deixando apenas o “D” e o “S” [...] se trata de Deus sem o “eu”. [...] O narrador do romance também diz igualmente que não pode chamar DS pelo nome, que deve usar apenas as iniciais. (Bernardo, 2014, p. 282 e 283)

A seleção desses nomes combinada com a ironia do autor e com a temática religiosa favorecem uma interpretação e julgamentos intrínsecos à obra. Moldam a interpretação do leitor para que os vazios sejam preenchidos e a presença dos elementos seja suficiente para a percepção da objetividade textual.

Conforme exposto no início desta seção, as obras dos autores configuram a construção de um imaginário. As estratégias discursivas já mencionadas estão em torno da centralização do seminário que é o originador de situações conflitantes para os personagens. O título das obras, *O Seminarista*, já prepara o leitor para um enredo vinculado ao seminário, favorecendo certas interpretações. As funções do seminário bem como sua construção são de extrema importância para a compreensão dessas narrativas. Por que intitular uma obra com essa palavra? Por que um matador se identifica com o codinome “Seminarista”?

Ao pensar no termo, o vocábulo seminarista pode tanto ser um adjetivo quanto um substantivo. Creio que na obra de 1872 o título remeta mais ao adjetivo, considerando as características do personagem, um sujeito que era seminarista por completo. Ainda que contrariado, dedica-se aos ensinamentos e se vê em estado de seminarista. Enquanto ele era seminarista, aconteceram diversas circunstâncias em que o noviço se questionava como um seminarista deveria agir. Porém, na obra de 2009, o personagem é um agente. O Seminarista leva a morte. Não é passivo de sua história, mas um agente transformador e destruidor de vidas. O Seminário é um local de mudanças e de limbo, conforme já esclarecido — logo, possui densa carga semântica.

A narração também influencia nessa diferença entre ser e agir quando seminarista. Bernardo Guimarães possui uma obra narrada em terceira pessoa, porém há falas do personagem protagonista Eugênio. Isso é observado quando o locutor narra uma situação e, em seguida, como constatação, evidencia a fala do personagem:

> “*Margarida encostou a cabeça ao ombro de Eugênio e este envolveu-a em um abraço.*
>
> *- Um momento de suprema felicidade!... depois o inferno! Que importa!...”*

Há um enunciador (L1) que é o narrador em terceira pessoa, e o enunciador 2 que é o personagem Eugênio. Outros personagens influenciam na representação de concepção do imaginário, porém somente o protagonista da história é de fato um ex-seminarista que provoca as reflexões durante a época de celibato. Portanto, há a presença do discurso indireto livre. Essa enunciação adquire diversos pontos de vista bem como marca a polifonia da narrativa. Ducrot discorre que

> *o locutor apresenta uma enunciação de que se declara responsável [...] O locutor fala no sentido em que o narrador relata, ou seja, ele é dado como a fonte de um discurso. Mas as atitudes expressas neste discurso podem ser atribuídas a enunciadores de que se distancia – como os pontos de vista manifestados na narrativa podem ser sujeitos de consciência estranhos ao narrador.*

Observada a época em que a obra foi publicada e uma leitura com viés crítico à Igreja, seria menos agressiva uma narrativa em terceira pessoa, a qual lidaria com uma isenção de tomada de posições ao mesmo tempo em que o locutor também expõe suas impressões aliando os pontos de vista. As descrições das cenas de amor e de raiva colaboram para a construção da imagem do personagem tanto como ele se vê quanto como nós o vemos. O locutor é responsável por essa enunciação. Portanto, figura-se um personagem inserido num universo de ações que interferem no imaginário do seminário.

Os diferentes centros de perspectiva colaboram para esse olhar. Devido aos acontecimentos sucessivos decorrentes do seminário, ocorre a mudança de figuração do personagem. O período pré, durante e pós seminário provoca diferentes figurações do personagem Eugênio. O personagem padre também é um agente influenciador dessa questão. O ponto de vista sobre o seminário muda ao correr dos fatos. No início, Eugênio compreende o seminário como um lugar de enclausuramento para adorar a Deus, mas percebe que o celibato não é coerente com sua visão (para amar Deus é necessário não amar e desejar uma mulher?) e se sente acuado, apreensivo e traído e, posteriormente, ao termino do seminário, depara-se com os sentimentos de ira, frustração e indignação. A mentira do padre provoca essa mudança no ponto de vista sobre o seminário, afinal ele é a representação de Deus na Terra e engana um menino para ganhar mais um fiel da Igreja Católica.

Carlos Reis expõe que "*o conceito de figuração*" conduz "*à individualização de personagens em universos específicos, com os quais essas personagens interagem*". Visto que o personagem Eugênio está inserido no cenário do seminário preso ao conflito interno de servir a Deus ou amar uma mulher, se deparando com mentiras, configura-se um universo de interação no qual são construídas imagens e propósitos bem delimitados para as interpretações. Ou seja, a narração muda com a constância dos acontecimentos e, consequentemente, a leitura também se adequa a essas conjecturas. O narrador tece comentários sobre as atitudes dos padres e dos

pais de Eugênio, por exemplo, que, ao ler a fala dos personagens, já demonstra a intenção esculpida pelo narrador. Logo, o ponto de vista do narrador é o principal agente dessa leitura, pois, embora se deem as falas propriamente ditas dos personagens, o imaginário e a interpretação se constroem em paralelo.

A imagem do personagem seminarista é construída nessas fases e universos em que ele se encontrou. O narrador inicia a trama como um menino ingênuo, influenciável, apaixonado e temente a Deus; no meio da narrativa, ele se torna questionador e incerto de seu futuro e, ao final, torna-se um ex-seminarista furioso com os pais e com o seminário. O Enunciador transmite as impressões textuais ao mesmo tempo em que é perceptível que o personagem se vê como um ser fiel, dedicado à família e digno de princípios. A fala do personagem ao final da obra mostra como o narrador pretende passar o ponto de vista do próprio personagem adquirindo mais fidelidade aos sentimentos de ira do personagem.

Visto isso, há um deslocamento de referenciação. O enunciador 1 constrói um personagem que se modifica no meio em que se insere. A narrativa em terceira pessoa não é isenta de posições. As adjetivações e a forma se transmitir uma mensagem arquitetam a narrativa para um determinado objetivo, como no seguinte trecho: “Eugênio entrou para o salão mergulhado num pego de dor, de vergonha, de terror, e sofrendo o embate de mil diversas e violentas impressões. Seus companheiros de salão olhavam para ele cheios de pasmo.”

No trecho acima, o locutor desenvolve a narrativa estruturando-a de forma a que o leitor perceba o momento em que o personagem está e como os incidentes o deixaram. As escolhas linguísticas tornam a situação mais penosa: o uso de metáfora para dar expressividade ao fato, como “*mergulhado num pego de dor”* e “*embate de mil diversas e violentas impressões*” mostra que o personagem estava entregue à dor e dentro dele havia sentimentos que o torturavam.

A linguagem é ação, visto que edifica situações nas quais o personagem transita, e sua imagem e a cenografia são montadas para cumprir uma determinada finalidade. O período em que foi escrito e divulgado origina certas escolhas lexicais, inclusive pela temática estar relacionada à instituição religiosa dominante e atuante na sociedade. “O sentido vem, à linguagem, da relação do homem com o mundo. [...] A linguagem não decalca o mundo: ela o recorta, conforme o trabalho do

homem”[50], ou seja, a narração faz um rearranjo de um fato ou lugar e se ocupa dele de acordo com sua intenção e vivência. Obviamente, pela época, o narrador de 1872 não agiria de acordo com os padrões vigentes caso utilizasse uma linguagem crítica bem explícita em relação à Igreja e ao corpo alheio, como acontece na narração de 2009. A enunciação tem motivação e finalidade. Não é por menos que as metáforas e as descrições exacerbadas elaboram uma imagem sobre determinadas questões. Gustavo (2014, p. 292) entende que:

> O narrador não economiza adjetivos para mostrar a destruição que a igreja promove naquele jovem ser humano: mostra-o ’magro, pálido, alquebrado’, uma verdadeira ‘múmia ambulante’. O brilho dos grandes olhos azuis do menino fica de todo amortecido: ‘o adolescente de dezesseis anos parecia um ancião às bordas da sepultura’. Seu espírito se torna ‘moroso e pesado’. A imaginação, antes ‘viva e risonha’, logo queima ’as asas de ouro na luz da candeia fumacenta do estudo e da oração’. O caráter benigno vira ‘seco e frio, desconfiado e sorumbático’.

A imagem de quase um morto-vivo sem expressão vai a favor da representação de um lugar que só traz malefícios ao jovem. Essa alegoria colabora para a composição do imaginário do seminário com suas atribuições e legados ao noviço. A interpretação é resultado dessa figuração baseada na seleção e combinação desses adjetivos e metáforas. Logo, o leitor possui uma imagem do seminário a qual é reformulada pela representação do personagem exposta pelo narrador. É construída uma nova imagem de sofrimento e mentiras num lugar de enclausuramento e abdicações. O lugar sofre uma intervenção do narrador, tendo em vista suas ponderações, baseadas no perfil do menino Eugênio. Infere-se que o jovem se modifica por completo, porém é de sua característica ser influenciável e se mostrar alguém derrotado pelos obstáculos dos caminhos. Portanto, o resultado é configurado tanto pela ação do narrador quanto pelo perfil do menino.

Por meio do ponto de vista dos personagens e da construção da cenografia, cria-se uma imagem do seminário e de ex-seminaristas. Pensa-se esse lugar e a religião como formadores de pessoas ressentidas e de futuros desastrosos. Sobre isso, Rabatel expõe que

> *os centros de perspectiva (personagem e narrador) são assim resultante de uma dupla mimese que constrói e garante o personagem, a partir de uma re-apresentação [representação] do objeto operada pelo trabalho perceptual e cognitivo do sujeito.*

[50] Bres, 1994, p. 33 Apud Rabatel, 2016, p. 38.

Em contraposição à narrativa de Bernardo Guimarães, a história de José é narrada em 1ª pessoa, por ele mesmo, tratando-se de um narrador-personagem. O discurso direto propicia a construção da imagem do Ethos baseada na falsa confiabilidade. O enredo concentrado em suas lembranças é cheio de lacunas, tanto pela falta de memória do personagem quanto por sua vontade de não entrar em assuntos não agradáveis a ele. A figura do enunciador é formada ao longo da enunciação justamente pela narração desse autor empírico.

Observam-se diversos elementos que individualizam esse personagem. Ele revisita a memória de sua mãe de forma afetuosa mostrando sentimentos bons. Embora fosse um matador profissional, possuía escrúpulos diante da sociedade. Sua ética, porém, é desmascarada, quando ele mata bichos e mulheres – seres que não deviam morrer pelas suas mãos, segundo suas concepções iniciais. O gosto pelo vinho, as citações em latim e o seu conservadorismo já mencionado moldam a imagem de alguém com resquícios do seminário.

A forma como o narrador dispõe esses e outros fatos e a cenografia modula a figura interna do leitor. O narratário tende a ser influenciado pela boa intenção do homem que tenta se livrar de uma carreira de assassinatos, mas é levado, pelas circunstâncias, a matar novamente. O público pode passar a torcer pelo matador da história, afinal há um matador ruim, e ele seria o bom, pois só cumpre sua profissão e não manda matar. Além disso, a morte de Kirsten, depois de tantas declarações de amor e fidelidade assumida, bagunça sua cabeça e justificaria a violência cometida por ele. A traição de D.S., um amigo de anos, seria imperdoável. Traição e morte do amor são temas clássicos de revolta justificada.

O ponto de vista dessa narrativa oferece uma história com intervenções subjetivas do narrador, ainda que haja falas de outros personagens. Seu pensamento se sobrepõe aos dos outros participantes até pelo fato de a vaidade “gritar” em diversos momentos, quando infla o ego ao falar que poderia “ser uma porrada de coisas”. Desse modo, não há espaço para muitos sofrimentos e lamentações. O personagem José age de forma objetiva, pois configurou seu perfil, em sua narração, para um homem sem medos e disposto a enfrentar tudo que vier para conseguir sua meta.

O próprio seminário foi construído como elemento marcadamente polifônico: lugar para aprender a servir a Deus, lugar para se abster de tentações e lugar originador de frustrações. Os enunciados dispostos ao longo da narrativa dão várias vozes a um só lugar, portanto podem ocorrer diversas interpretações acerca dessas variações. A essa polifonia, o narrador constrói as “peles de leitura” já citadas para que fique a critério do leitor a maneira em que utilizará aquela obra para si. A repressão sexual e o celibato, assuntos já citados, são oriundos da performance do seminário ao longo das enunciações. O duplo, que será discutido no próximo capítulo, é proveniente também da disposição dos elementos textuais e da narração.

A elasticidade desse tema já é uma forma de transgredir a literatura. Inserir o tema do seminário numa aparente narrativa policial possibilita uma linguagem performativa que ironiza o estereótipo comum feito às narrativas policiais e ao sistema de valores pré-existentes. Um homem pode largar o futuro de batina para se converter ao ateísmo e manter certos aspectos apreendidos durante o seminário. É possível matar profissionalmente sem culpa e, ao mesmo tempo, com consciência.

O imaginário das obras acompanha também a época e o gênero em que foram concebidas. Leitores empíricos inclinam-se a certas interpretações fundadas em suas experiências e pensamentos condizentes com período temporal. Por exemplo, em narrativas orais (lendas, entrevistas) e até mesmo em narrativas literárias a interação entre essas partes ocorre, porque os “receptores da narrativa [...] influenciam nas escolhas do emissor – escolha do tema, do seu desenvolvimento ou da passagem para outro tema suscetível de melhor provocar a aprovação do auditório, escolha de registro etc.” (Rabatel, 2016, p. 37). Consequentemente, a enunciação, a cenografia e a linguagem acompanham o enredo da obra de acordo com sua época. Se os palavrões utilizados pelo personagem José chocam leitores atuais, imagine como chocariam a sociedade da época de Eugênio. Os elementos textuais afluem para que seus leitores se encaixem no narrado e entendam a obra da forma que lhes for atraente.

Nota-se, portanto, a relação direta entre a construção discursiva do enredo e a narração com o imaginário originado desses processos. A cenografia própria de cada enredo e a linguagem particular e apropriada para cada espaço elaboram obras que visam a uma temática religiosa permeada de inferências e intencionalidades. O seminário é elemento textual que desencadeia todas as

interpretações aqui evidenciadas. A partir dele, os personagens são criados, e os pontos de vistas orientam os leitores. A polifonia desse lugar é tamanha, que a extensividade de problemática se estende a campos filosóficos, psicológicos, éticos, morais, religiosos e antropológicos. As vozes desse enredo constroem um imaginário sobre jovens noviços destinados à servidão a Deus e a um fim trágico, configurando-se uma imagem correlata e polifônica sobre a religião católica e suas práticas.

2.3 **O seminário: entre o sagrado e o profano**

Por que logo o seminário para centralizar, ainda que implicitamente, uma história? Essa pergunta surge a partir da leitura do título das obras. Dentre tantas motivações, é devido à estadia no seminário que as narrativas possuem forte carga de significados e representações. Estar presente nesse local implica descobrir e dominar a retórica, saber o poder da persuasão e aplicá-la em situações favoráveis. Esse fator é fundamental para entender muitas das atitudes dos personagens seminaristas e de personagens que estão a sua volta. Além disso, a representação do seminário e dos personagens seminaristas formula uma crítica contundente à Igreja Católica e à fé.

O local de formação de jovens meninos em fase da puberdade lida com o conflito entre os pensamentos dos garotos e os ideais religiosos – afinal, convencer sobre certos aspectos da Bíblia é uma tarefa conflitante -, mas que ao mesmo tempo se mostram tão similares, o que permite pensar que o seminário se encontra no purgatório, ou seja, entre o sagrado e o profano. O conceito de purgatório não consta na Bíblia exatamente do modo como se imagina socialmente, mas

> O purgatório é uma exigência da razão e mesmo da caridade de Deus por nós. A palavra “purgatório” não existe na Bíblia, foi criada pela Igreja, mas a realidade, o “conceito doutrinário” deste estado de purificação existe amplamente na Sagrada Escritura. A Igreja não tem dúvida desta realidade por isso, desde o primeiro século reza pelo sufrágio das almas do purgatório.[51]

[51] Disponível em: https://www.catolicosnabiblia.com.br/purgatorio-na-biblia-explicado-pelo-maior-especialista-em-biblia-e-exprotestante

Dessa forma, como explicado pelo doutor em teologia bíblica Scott Hahn, o purgatório é um estágio de purificação e redenção dos pecados a quem se encontre pronto para abdicar dos males mundanos. Existe para mostrar como Deus tem o dom de perdoar, mas com razoabilidade. Tal fundamento permite interpretar o seminário como um lugar de meio termo entre os pecados já cometidos antes de entrar para a formação religiosa e o espaço de transcendência ao divino. É lá que o ser onipresente e onipotente julga os seres humanos a fim de considerá-los dignos ou não.

Para evitar problemas com os futuros padres, era necessário investir na formação eclesiástica: o seminário. Conforme foi apresentado no início deste capítulo, era comum a não obediência às práticas católicas, com consequências negativas para a imagem dos padres. Muitos não já os tinham como anjos justamente pela sua castidade:

> Isso porque na etimologia latina a palavra *caelebs* significa casto, continente, o mesmo que está no céu, livre dos pecados e servindo a Deus , assim como os seres alados. Por meio da castidade, os sacerdotes se igualavam aos anjos em força e virtude, conservando-a somente através do favor e da graça divina e não por sua própria condição humana. (Junior, 2013, p.51)

Logo, a imagem dos padres estava associada para muitos como a de um anjo caído, por não conseguir superar seus impulsos humanos em favor da virtude divina, principalmente em relação à castidade. A linha entre o controle da mente e do corpo e os impulsos era bem frágil, por isso se tornou um fardo para o significado do sagrado que persistia no grande letreiro da Igreja.

> Os padres despendiam tremenda energia psíquica para controlar seus impulsos, e os padres sexualmente ativos precisavam ocultar hipocritamente seus atos, manter sua imagem pública e prevenir potenciais acusações. (Serbin, 2008, p. 147)

O imaginário do seminário sempre esteve cercado da dualidade do sacro e do profano. “A teologia maquinal, a pedagogia tíbia, a disciplina autoritária e a repressão sexual” (Serbin, 2008, p. 156) constantemente provocaram revoltas e indagações sobre a forma de ensinar. A valorização de valores tradicionais exaltava um “seminarista distante superior e assexuado” (Serbin, 2008, p. 157) e ignorava a importância da vocação e as formas dos noviços de expressar sua humanidade e amor a Deus.

Visto que os seres humanos são repletos de vícios, o seminário seria o local para superar e modificar as práticas incoerentes com o serviço sacerdotal. Os costumes considerados inadequados não se conformam à castidade, à obediência e à simplicidade. Porém, como já explicitado, o celibato é o grande "Judas" de todo padre, pois é o grande fator que o torna capaz de traição. Renegá-lo implica renunciar ao instinto de todo ser humano, provocar prejuízos ao emocional e lutar contra si e contra a secular tradição católica.

> A imagem do celibato persiste até os dias de hoje como parte da pureza sacerdotal necessária para o clero religioso católico. 'O celibato, entendido como a renúncia a uma realidade vital para o se humano, surge como um meio particularmente privilegiado de combater o pecado e afirmar a transcendência de Deus' (Soares, 2012, p.17).

Ou seja, se um homem é capaz de controlar seus impulsos da luxúria, então ele é digno de alcançar a Deus. Logo, a castidade é o principal fator que submete esses homens à provação.

Preocupados com os comportamentos dos noviços, a Igreja Católica divulgou uma série de manuais para os jovens aspirantes a clérigo, a fim de "instrui-los em matéria de comportamento" e também "convencê-los das virtudes de uma vida celibatária e dos modos práticos de se preservar a castidade" (Junior, 2013, p. 66). Os títulos das obras são bem sugestivos: *Espelho da Perfeição*, *Espelho da Disciplina*, *Espelho dos Religiosos* e *Mestre da Virtude*. O segundo e o último manual listado acima voltavam-se mais às posturas de um bom padre, como a forma correta de comer.

Até hoje, vincula-se a ideia de padres gordos e lambões com guardanapos enfiados em suas vestes. Para isso, esses manuais davam instruções de como se comportar, afinal aquele que não tem modos de se alimentar é um propagador do profano e não se comporta como um anjo delicado. São Boaventura, autor de *Espelho da Disciplina*, traz em sua obra postura adequadas para jovens no refeitório do seminário em que

> Nessas situações, a palavra de ordem era modéstia, demonstrada, por exemplo, no ato de segurar o vaso (copo) com as duas mãos ao beber, sem levantar muito o pescoço. O contrário poderia significar soberba. 'Comendo ou bêbedo, [...] não faça estrondo com os beiços que denotam intemperança'. (Júnior, 2013, p. 67)

Aliados aos hábitos alimentares, o padre João Franco, autor de *Mestre das Virtudes,* disserta sobre o pecado da gula. Para ele, "o bom frade deveria trabalhar

muito e comer pouco, apenas o necessário para viver" (Fleck e Dillmann, 2019, p.41), pois, "o vício da gula estava [...] no excessivo consumo de comidas e bebidas" (Fleck e Dillmann, 2019, p.42). Por isso, os banquetes eram vistos como uma tentação diabólica. Além disso, era considerada uma transgressão disciplinar o "uso de babadores no peito ou do guardanapo [...] e falar com a boca cheia" (Fleck e Dillmann, 2019, p.47). Esses costumes já não são observados na rotina de José. Soando como revolta ou não, ele se rende à gula e à apreciação sem moderação de vinhos – bebida tipicamente católica – mesmo convivendo com essas práticas no seminário. Não há aparente culpa do personagem nesses atos, justamente por se entregar sem medo ao profano.

Eram banidas também as fofocas e as amizades. Unir-se a outro religioso poderia provocar ocasiões de perigo "mesmo com pessoas religiosas e colegas castos", visto que "o comportamento desejado era o do recolhimento e o da mortificação dos sentidos" (Junior, 2013, p.68). Além disso, pessoas próximas favoreciam o aparecimento de comentários alheios sobre a vida de outras pessoas.

> A necessidade de 'refrear a língua' e de não falar mal tornavam-se fundamentais para a vida religiosa [...] Por isso, permanecer em contato com homens faladores equivalia a corromper uma boa vida santificada, pois o falar demis poderia vir acompanhado de arrogâncias, malícias, vinganças e gulodices.[52] ((Fleck e Dillmann, 2019, p.48)

Ou seja, era necessário quebrar com as práticas mal vistas pela sociedade, as quais remetiam ao mundano e não ao Santificado. "O contato com o mundo exterior poderia ser nocivo" (Junior, 2013, p.68), visto que era uma possibilidade de romper com o já habituado e levar ao desvio da conduta moral. Além disso, as amizades entre os noviços possuíam graus de interação e intensidade de um casal, segundo os mais rigorosos, devido aos sentimentos gerados, como ciúme e amor.

> O policiamento da sexualidade incluía a repressão da atividade homossexual e das chamadas "amizades particulares". [...] Como todo ser humano, os padres precisam de intimidade. Sufocar esse impulso podia acarretar graves problemas psicológicos ou forçar o indivíduo a procurar a intimidade às ocultas. (Serbin, 2008, p. 145)

Para fundamentar mais ainda esses costumes, eram obrigatórias leituras de vidas dotadas de moral e virtudes, como a de Santo Agostinho e Santo abade Sereno, que falavam sobre suas histórias voltadas à castidade. Aliás, o personagem José utiliza

[52] Para João Franco, os falatórios influenciavam pessoas a se corromperem. Quando se permite estar no meio de fofocas, permite-se a entrada do profano em sua vida.

a frase de um santo para demonstrar que, desde o seminário, os religiosos santificados já eram vistos como exemplos:

> "Isso era nos tempos de seminário (encantar-se por mulheres), tempos de punhetas e sonhos úmidos. [...] Como disse Santo Agostinho, *mulier janua Diaboli*."
>
> "Essa frase é de São Jerônimo, a mulher é a porta do Diabo, e nós sempre a achamos uma idiotice."

A obediência aparecia como fator principal, pois, ao segui-la, é certo o caminho ao sagrado. Eugênio demonstrava grande ardor de obediência aos padres. Sempre descrito como recatado, já demonstrava em seu perfil uma castração a qualquer revolta, por isso chamou tanto a atenção dos padres. Ele "era um exemplo de boa conduta e aplicação. Cordato, dócil e obediente, depressa granjeou a benevolência e estima dos padres" (Guimarães, 1985, p. 27). Para João Franco, esse comportamento era necessário visto que Deus "gosta de ser servido, de ser temido, de ser honrado e sacrificado, mas sobretudo [...] muito mais obedecido"[53]. Obviamente, sem a obediência, Ele não teria mais respeito e a admiração suficiente para controlar a vida social, moral, religiosa e até financeira da sociedade. Além disso, a obediência cega permitia diversas hipocrisias e negligências sem a intervenção do povo ou do Estado maior. É melhor temer e obedecer do que sofrer as terríveis consequências da Igreja a qual, na época da colônia, comandava quase que todos os segmentos.

> A educação claustral é triste em si e em suas consequências: o regime monacal, que se observa nos seminários é mais próprio para formar ursos do que homens sociais. Dir-se-ia que o devotismo austero, a que vivem sujeitos os educandos, abafa e comprime com suas asas lôbregas e geladas naquelas almas tenras todas manifestações espontâneas do espírito, todos os voos da imaginação, todas as expansões afetuosas do coração. (Guimarães, 1985, p. 47)

O narrador da desventura de Eugênio evidencia no trecho acima que os ensinamentos listados os transformavam em zumbis treinados e sem identidade. Quando eliminam "todas as manifestações espontâneas", elevam-se ao sagrado, na percepção dos padres; do contrário, passam a se sentir pertencentes ao profano. porque cometem um sacrilégio com eles mesmos. Com leituras diferentes, elevar-se ao sagrado seria também poder conviver com suas vontades e desejos sem limitações, sem adequações forçadas e sem tanto moralismo. As metáforas tão

[53] João Franco expõe em sua obra *Mestre das Virtudes* que um dos caminhos da perfeição clerical era a obediência aos superiores. Fleck e Dillmann, 2019, p.37.

presentes de “asas” e “voos” subtendem que o fanatismo suprime as belezas internas e externas, todos os bons sentimentos, pois não configuram características sagradas. Aprisionar o indivíduo nele mesmo fará convivê-lo num embate eterno entre o sagrado e o profano. O personagem José aparenta ter se libertado dessas correntes quando tenta aproveitar ao máximo o tempo perdido, enquanto que Eugênio vive preso na manipulação que fizeram nele e se transforma em alguém que perdeu o encanto:

> O rapaz que sai de um seminário depois de ter estado ali alguns anos faz na sociedade a figura de um idiota. Desazado, tolhido e desconfiado, por mais inteligente e instruído que seja, não sabe dizer duas palavras com acerto e discrição e muito menos com graça e afabilidade. E, se acaso o moço é tímido e acanhado por natureza, acontece muitas vezes ficar perdido para sempre. (Guimarães, 1985, p. 47)

Não é por menos que “o seminário pode ser visto como uma sofisticada escola de assassinos”[54]. Os educadores religiosos seriam responsáveis por “matar com as palavras” as escolhas e os desejos dos seminaristas. A retórica, formulada para conduzir a uma mortificação da mente e do corpo a favor do sagrado católico, elimina o que é sagrado para eles: o amor. As manipulações são feitas com palavras doces e com o temor do divino; as práticas dos religiosos ajudam o controle do poder da Igreja na mente de meninos que tinham aspirações mundanas.

A fim de refazer essa imagem dos seminários, um decreto do Vaticano II (1962 – 65) – *Optatum Totius* – teve a intenção de modificar certos aspectos desse lugar. Mais contato com as pessoas de seu rebanho, que eram vistas como meio de se profanar a imagem deles e da Igreja, estudar outras disciplinas, como ciências sociais, e afrouxamento de uma disciplina rigorosa eram seus alvos. Com a aceitação consciente do noviço, a obediência, o autocontrole e a maturidade individual poderiam ser alcançados com mais empatia dos líderes religiosos sobre a necessidade dos alunos e leveza nos anos de internato. Entretanto, a interpretação desses fatores gerou discussões e usos diferenciados. De toda forma, houve alguma reflexão sobre essa fase da vida em que o profano entra em confronto com as imposições católicas e afeta a seriedade do processo, porque:

> acima de tudo, a Igreja precisava de padres bem ajustados, capazes de lidar com questões fundamentais como a solidão, o celibato, a homossexualidade e as relações com os leigos, especialmente com as mulheres. (Serbin, 2008, p. 181)

[54] Gustavo Bernardo utiliza essa expressão como forma de entender por que o personagem José vai de seminarista a matador. Bernardo, 2014, p. 279.

A condenação do celibato gera um eterno purgatório de luta entre o sagrado e o profano. A repressão sexual originada pelo celibato clerical vincula-se sem hesitação à violência. A violência implícita, presente na repressão do menino Eugênio e na sua atitude final, e a violência explícita, presente nas falas e atitudes do personagem José, revelam também a influência negativa que o seminário exerce nos personagens. A forma velada com que o padre e os pais de Eugênio tratam o amor e os desejos dele é uma forma de violência, porque deturpa suas vontades. Não há um enfrentamento direto, como ocorre na obra de 2009, em que a arma é o principal instrumento para "descontar" raiva e frustrações. No romance de Bernardo Guimarães, a mentira do sacerdote e recusa em rezar a missa são modos de mostrar um comportamento violento que, todavia, oculta algo mais agressivo ainda, tendo em vista que a obra se passa numa época de extremo conservadorismo. O narrador deixa evidente, em diversos momentos, que as falas do padre diretor são de extrema rudeza, equivalente à violência simbólica. Isto é, até os religiosos, que deveriam ser exemplo, vivem em torno do conflito entre o sagrado e o profano.

O desarranjo com a identificação de sua personalidade também colocava os seminaristas no limbo de pensamentos. O jovem entra moldado pelas suas experiências em sociedade, que são poucas, já que a entrada em seminário ocorre no início da adolescência, e sai um homem sem vivências e conhecimentos de como viver em campo social novamente. O seu inconsciente foi tão trabalhado para que se afastasse das malícias mundanas, que não sabe como conviver com tantas situações e tentações. A crise de identidade provocada pelo isolamento

> continuava após a ordenação, conduzindo à solidão, ao desajuste social, à incompreensão das pessoas, a supostos problemas sexuais como os de padres com alma de caçadores (namoro, relações sexuais com mulheres e à homossexualidade. (Serbin, 2008, p. 176).

Pensar sobre essa questão ressalta a importância do questionamento acerca do celibato. Eles viviam essa vida dupla em que precisavam lidar com seus anseios e com a vida pública religiosa. Um ex-seminarista, Agostinho Both, ao sair do seminário, sentiu-se livre de dogmas e com maior autonomia do seu "eu". O celibato se deparava com a hipocrisia. As práticas de alívio de desejos sexuais, como a masturbação, eram tão criticadas, penalizadas e voltadas ao inferno, que, se masturbando ou não, os noviços tinham prejuízos psicológicos.

Em consonância com a modernização religiosa, os seminaristas substituíram a culpa e o pecado pela reflexão pessoal como um guia para a vida. Os estudantes passaram a buscar maior contato com mulheres e a discutir e praticar a masturbação, considerada pecado mortal pela Igreja.

Ler as narrativas deixa os seguintes questionamentos: o que é o sagrado? O que é o profano? Viver de dor e sofrimento, como os martírios (penitências e jejuns) que o padre diretor faz o jovem menino passar, pode ser considerado sagrado só por que está em nome de Deus? Desejar o corpo e o coração de uma menina pura torna-se profano por que a instituição católica não considera de bom tom o envolvimento com mulheres, exigindo a dedicação exclusiva a Deus e à Igreja? A mentira do pai de Eugênio, em conluio com o padre, pode ser considerada sagrada porque só há entrega total do menino quando ele é enganado, ou seja, quando se mostra sem vontade genuína? Matar as pessoas com o codinome “Seminarista” profanaria uma preparação eclesiástica ou elevaria o matador ao sagrado, uma vez que haveria a catarse de sentimentos reprimidos e a morte de pessoas ruins?

O poder da linguagem adquirido no seminário e a estratégia adotada pelos narradores formulam esse eterno limbo. As atitudes dos personagens colaboram para essas dúvidas antagônicas sobre essa condição crucial do seminário: deixar os seminaristas no meio termo de suas vidas – a de vícios e a de servidão a Deus. O alcance da persuasão da mente dos noviços por meio das palavras dos religiosos leva à perda de uma identidade, pois viviam com “o drama cotidiano de lidar com os conflitos entre sua condição humana e o comprometimento com as aspirações divinas, entre aos ardores da carne e a vocação sacerdotal que lhes exigia uma vida celibatária” (Junior, 2013, p. 83). Os pais tão beatos de Eugênio e a mãe de José também são responsáveis por essa situação conflitante de pensamentos e ideais.

O seminário não só formava religiosos como também personalidades atuantes dentro de uma sociedade. Ser padre significava, entre tantas atribuições, apoiar muitas pessoas em situações ruins, ajudá-las a resolver algum conflito interno e trazer a sensação de paz que uma religião fornece. Porém, seria fundamental uma vocação, para que isso acontecesse de forma mais íntegra e justa com os padres. É necessário estar disposto a abdicar de diversões e de tudo que a imaginação possa oferecer. Mas, como os personagens ficam tomados pela ira e pelo ressentimento, a consequência para a comunidade não é o que foi pensado inicialmente – castidade e amor a Deus.

Ao ler as narrativas com mais afinco e com as reflexões difundidas aqui, é possível entender ainda que as ciladas do destino podem ser uma repreensão d'Ele. Quando os personagens se livram de seus pecados – mortes, sexo e sentimentos por mulher -, algo os puxa de volta para o caminho da perdição. José e Eugênio caminham numa trilha cheia de obstáculos em que há saídas tanto para o sagrado quanto para o profano. As mortes das personagens Margarida e Kristen serviriam como uma condenação final, momento em que é posto em xeque o verdadeiro eu que existe dentro deles, graças ao sentimento de raiva. José volta à ativa no mercado do crime com o pseudônimo de "Seminarista": aquele que pode escolher se mantém uma pessoa viva ou se a mata. Ele é uma pessoa que vive entre o sagrado e o profano eternos: ou ele encara a situação e mata uma pessoa, ou ele se arrepende de seus pecados passados e busca a purificação. Eugênio tem a oportunidade de se entregar totalmente ao sacerdócio, mas prefere largar a batina e se entregar ao ódio que há tanto tempo habitava nele.

Os personagens são marionetes do destino (ou de Deus) e se veem sempre entre o sagrado e o profano. O seminário é um lugar que respira essa dicotomia, lidando com as hipocrisias da própria religião, com a dos religiosos e com as aspirações dos noviços. A fronteira entre essas duas ideias é frágil e depende muito de quem a interpreta e de quem a pratica.

3 **O DUPLO**

Por que duas obras, com mais de cem anos de diferença, possuem o mesmo título? Sobre essa indagação, surge a análise principal desta dissertação: o duplo existente entre as narrativas. O seminário por si é um lugar conflitivo, mas os enredos das obras de Bernardo Guimarães e Rubem Fonseca se espelham formando uma unicidade temática. Jovens meninos que foram destinados ao seminário para satisfazer a vontade alheia encontram um destino amargurado e vazio de identidade própria. Apesar de pertencerem a épocas e espaços distintos, a diferença os atrai, uniformizando a representação de uma escola eclesiástica.

O estudo comparativo das obras leva em consideração os recursos utilizados como estratégias discursivas proporcionadoras do jogo do duplo. Ao analisar as narrativas, percebe-se que não só o seminário é um fator decisivo na vida pessoal de cada personagem, como também na interpretação. A intencionalidade do título é um convite para que se adentre num universo de dúvidas, repressão, violência, ironia e revoltas. Os personagens seminaristas se complementam ainda que em fases diferentes.

Antes de adentrar a concepção de duplo na narrativa, é necessário observar que há algumas considerações sobre o simbolismo do duplo. Para Amanda Rosa[55], o significado do duplo condiz com a identificação da sua nomenclatura, pois “são dois seres ou duas imagens de si mesmo” (Bittencourt, p.1). A fim de se refletir melhor, utilizam-se os preceitos da psicologia, já que “o ver-se é essencial para o desenvolvimento da personalidade, porque para entender quem somos, precisamos averiguar a identidade que criamos” (Bittencourt, p.1) . A imagem que o ser projeta não é a mesma que de fato configura sua personalidade, o que nos devolve à necessidade do estudo da psicologia.

[55] A autora estuda o duplo, teorias do imaginário e a psicologia analítica. Para ela, o duplo “tanto revela quanto amedronta quem com ele se depara” visto que “o homem demonstra necessidade de conhecer a si mesmo intimamente e o tema da duplicidade humana emociona-nos de tal maneira que é quase impossível ficar alheio às suas investidas”. BITTENCOURT, Amanda R. *Borges e o outro: uma análise psicológica do duplo.* Disponível em: ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/Xsemanadeletras/comunicacoes/Amanda-Rosa-de-Bittencourt.pdf

O suporte psicológico é fundamental devido ao conhecimento sobre o estudo da mente, do comportamento social e da relação entre o EU e o OUTRO. O entendimento do ser pertencente a uma sociedade só teria o pleno sucesso caso houvesse uma busca de confrontação entre “a persona e a sombra”, ou seja, entre o externo (o que se apresenta socialmente) e interno (como a pessoa se identifica em seu íntimo). Poderíamos dizer que os personagens José e Eugênio vivem nesse “diálogo interno” à procura de um autoconhecimento e de uma identidade própria e sem interferências. Eugênio, principalmente, luta com seus sentimentos para conseguir lidar com a aparência e com a essência.

Ainda que o estudo de Amanda volte-se à obra de Borges[56], é possível depreender como o símbolo do duplo age e é elaborado por outras obras. Entre as variadas noções advindas do imaginário do duplo, como a cisão, a divergência e a antítese, a autora apresenta um argumento de Chevalier e Gheerbrant[57] que coincide com a temática e o enredo central das narrativas desta dissertação:

> [...] o número dois é o símbolo da oposição e do conflito podendo indicar o comedimento ou o desequilíbrio, sendo a primeira e mais radical das divisões ocorridas, originando todas as demais. O dígito das ambivalências e dos desdobramentos. O simbolismo da cifra expressa uma rivalidade e uma reciprocidade, tanto de ódio quanto de amor, anuncia uma oposição que pode ser antagônica e incompatível quanto complementar e fecunda. (Bittencourt, p.3)

Essas ambivalências derivam da necessidade de entendimento entre o EU e o OUTRO. Tão contraditório em sua essência, provoca a utilidade de analisá-lo a partir de outra perspectiva que o complemente ou que simplesmente divida, pelos mesmos motivos, sua existência. Esse viver:

> [...] se refere à existência de um “outro”, que duplica a existência do sujeito, desdobrando o “eu” em mais de um. Nesta perspectiva, podemos entender o duplo como uma mímese do “eu” que se destaca e se autonomiza. A partir do desdobramento do “eu” original, a cópia se individualiza adquirindo existência própria. Sendo assim, a “imitação” do “eu”, após o seu surgimento, criou sua própria identidade e já não detém a mesma essência, tornando-se o “outro”. (Bittencourt, p. 3)

Para exemplificar essa questão, tome-se a situação de Eugênio. Conforme já exposto, ele vive em guerra com seus questionamentos sobre quem ele quer ser ou quer fazer, em conflito com o que as vontades alheias querem que ele faça ou seja.

---

[56] A autora escolhe o conto *25 de agosto, 1983* para trabalhar as questões do duplo que tanto se assemelham aos focos narrativos desta dissertação.

[57] CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. Dicionário de símbolos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

Preso nas armadilhas alheias, ele se rende ao desejo do outro, tomando como essência o que antes não o era. Essa identificação forçosa cria um conflito interno, “desequilibra suas emoções e provoca uma divisão na personalidade do sujeito” (Biitencourt, p.3) o qual não entende a si mesmo como homem.

O filósofo Otto Rank aborda essa concepção do duplo intrínseca aos anseios dos seres humanos. A religião agiria como um meio de consolação e originador de duplo, uma vez que aliviaria certas problemáticas como a dicotomia morte x vida eterna:

> O duplo tornou-se o símbolo da imortalidade espiritual. Os povos primitivos criaram a ideia de “alma” justamente para explicar a dualidade humana, que se dividiria em um corpo físico e uma alma espiritual, sendo que a duplicidade seria a ligação implícita entre o “eu” terreno e a “eu” espiritual. A crença na existência da alma seria oriunda do medo da morte. (Bittencourt, p. 4)

Não é por menos que o conceito de duplo perpassa os conflitos psicológicos existentes nos sujeitos. Na psicologia, o consciente e o inconsciente entram em conflito:

> [...] consciência e inconsciência não compõem uma totalidade quando um é contido e anulado pelo outro, pois possuir sentimentos dúbios realiza um desdobramento do “eu”, realizando, consequentemente, as distintas consequências emocionais.

As ações dos personagens são realizadas seguindo uma conduta individual e social. O homem se esconde por trás de uma “máscara” caracterizada pelo comportamento cotidiano que encobre a essência do sujeito. “É como se fosse uma imagem imposta por fatores sociais, culturais e muitos outros, que nos condicionam a ser aquilo que esperam que sejamos” (Bittencourt, p. 6). Desse modo, “o sujeito deixa de ser a pessoa que realmente é e faz com que sua identidade não seja mais sua responsabilidade, mas sim, uma identidade construída e manipulada por terceiros” (Bittencourt, p. 7). Podemos avaliar o personagem Eugênio seguindo essa lógica. Ele projeta um outro EU para atender à vontade alheia enquanto morre na sua persona – na sua individualização. Faz uso de uma máscara social manipulada pelos seus pais e pelos padres, evidenciando o jogo entre o consciente e o inconsciente, pois afinal as suas ações são frutos de manipulações do seu inconsciente. O símbolo do duplo leva à aceitação, ainda que forçosa, do EU, pois ele tende a se reconciliar com todas as ambiguidades da vida.

Considerando que a literatura abarca diferentes setores da vida humana, a presença do duplo no ponto de vista literário é a “materialização do reflexo humano no espelho, pois o seu fundamento é a exata duplicata de um modelo original” (Oliveira, p.184) com todas as hesitações éticas, morais, sociais, psicológicas e sexuais. Ainda que as narrativas possuam enunciadores em posições diferentes – 1ª e 3ª pessoa, “o duplo converge para si a quebra da unidade, o deslocamento da percepção do EU que se conhece pelo OUTRO e é ainda a manifestação e busca da identidade humana – um e outro” (Oliveira, p. 185). As obras sob o título de *O Seminarista* podem ser equivalentes como duplo, pelo encontro de um em outro, o que valoriza o enfrentamento de identidades. A autora Marly Amarilha explora o conceito do duplo em obras fantásticas e góticas do século XIX e XX[58]. Ela se baseia na cenografia da narrativa e na personalidade dos personagens para conceber o duplo como algo inerente às obras.

Certas ideias colaboram para a percepção do duplo atuante nos enredos de *O Seminarista,* de Rubem Fonseca e Bernardo Guimarães. A obra de 2009 seria o duplo da obra de 1872 — porém, cada obra já é um duplo construído em si. Associá-las gera um duplo em escala maior, a partir da semelhança temática e das diferenças discursivas. Elas se assemelham ao mesmo tempo em que se afastam. As obras se complementam à medida em que uma expõe a continuação ou a repetição do que ocorreu inicialmente. A duplicidade vem para integrar as histórias a fim de se refletir sobre as atitudes dos personagens das narrativas. Enquanto que a obra de 1872 se concentra nas fases antes do seminário e durante o seminário, a obra de 2009 se detém no depois do seminário, ao mostrar o personagem já revoltado com a sociedade, mas ainda com reflexos do seminário. Gustavo (2014) encara essa remissão baseada em uma motivação: vingança. “O seminarista José age como matador para vingar um outro seminarista” (2014, p. 282) o qual sofreu com a violência sutil dos padres e de sua família, enquanto que José age com ferocidade contra o destino, quebrando paradigmas enrijecidos e passíveis de

[58] A autora estuda o duplo nas obras *William Wilson*, de Edgar Allan Poe (1838), *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* (1885) (conhecida em português como *O médico e o monstro*), de Robert Louis Stevenson, *The Secret Sharer* (1910) (*O sócio secreto*), de Joseph Conrad, e *O Pirotécnico Zacarias* (1947), de Murilo Rubião. Ela observa nesses enredos uma “busca de um ponto de equilíbrio entre o homem dividido, o homem em conflito com a divisão e, enfim, o homem reconciliado consigo mesmo seja na certeza ou na dúvida”.

retaliação. Por essa razão, Gustavo não imagina “outra razão para dar ao seu romance exatamente o mesmo título do romance” (2014, p. 291) de 1872.

A própria transposição da temática do seminário para a literatura bem como a figuração particular dele e do gênero é um duplo, porque se coloca de forma literária o reflexo do que é o seminário para quem está relacionado a eles – os seminaristas. É uma forma de expor as hipocrisias da religião, dos líderes religiosos e dos fiéis, além de mostrar a luta entre o bem e o mal, entre o sagrado e o profano. O seminário foi o lugar para se pensar a religião que reprime os desejos e as vontades de jovens. A busca por uma identidade é recorrente na obra de 2009, até porque ela não teve sucesso com o menino Eugênio. Reconhece-se um personagem no outro pelas angústias, repressões e deturpações que ocorreram em seu passado eclesiástico. Esse lugar serve de palco para os questionamentos dos personagens. É dentro dele que se antagonizam desejos e fé. Esse purgatório, um lugar em que um ser fica entre a redenção (céu) e a desgraça (inferno), demanda escolhas: ou eles escolhem a salvação (ser padre, viver da religião católica) ou a perdição (render-se aos amores, aos vícios, aos prazeres mundanos). Nesse contexto, espelham-se o antes e o depois, viver ou não viver para servir a Deus. Logo, em ambas as histórias, o seminário é decisivo para a formação da identidade e responsável pelo lado social e religioso dos personagens, os quais possuem narrativas separadas por mais de cem anos, mas que ainda tratam de temas pertinentes, como a dicotomia razão versus emoção.

Esse duplo acontece não como uma vingança ou complemento de história, como efeito da refiguração da trama de José – um ex-seminarista frustrado com seu passado. Podemos pensar o enredo de José como uma refiguração do enredo de Eugênio. Com as mudanças próprias da obra (recepção, gênero, ponto de vista, linguagem), a narrativa revisita a história do passado. Essa alteração evita a ideia de “O Seminarista – parte 2”, como algo contínuo, para refletir sobre novas considerações acerca dessa temática do seminário. A cenografia e a polifonia discutidas no capítulo anterior garantem essa refiguração a qual favorece

> [...] efeitos de leitura desdobrados, uma vez que aquela refiguração é, em simultâneo, uma releitura de um texto verbal [...] toda a caracterização de personagem motiva um preenchimento de vazios; esse preenchimento de vazios torna-se premente em atos transnarrativos e transliterários que trabalham a imagem. (Reis, p. 46)

A disposição dos elementos discursivos e a utilização de uma temática em comum permite supor que a obra de Rubem Fonseca transgride a fronteira dele mesmo possibilitando referenciá-la à obra de Bernardo Guimarães. A representação do seminarista José é uma lacuna longe de ser fechada, portanto alguns fatores são passíveis de referenciação e refiguração: uma obra como ponto de partida e mudanças textuais para a outra, como forma de configurar diferente. Desse modo, a refiguração torna o texto mais amplo e mais atrativo ao leitor, porque o processo de figuração

> [...] não se esgota num lugar específico do texto [...] ela se vai elaborando e completando ao longo da narrativa [...] por sua natureza dinâmica, a figuração não se restringe a uma descrição, no sentido técnico e narratológico do termo, nem mesmo a uma caracterização, embora esta possa ser entendida como seu componente importante [...] a figuração não é simplesmente um outro modo de entender a convencional caracterização, sendo antes um processo mais amplo, englobante e consequente.

A refiguração permite esse olhar de amplitude da obra, originando o duplo sobre o seminário. As experiências dos noviços trabalham com as instâncias duplas derivadas da época de estudos bíblicos. Estar dentro de um seminário contra sua vontade pode gerar crises de identidade, pois o enunciador tende a abandonar o seu EU singular para adquirir o outro “EU” que não é sua essência, mas um reflexo do que outras pessoas esperam que o indivíduo seja. Diante disso, as seguintes dicotomias duplas aparecem na disposição em que as descrições, narrações e interpretações são feitas: sagrado x profano, corpo x alma (transcendência), corpo x mente (dúvidas, questionamentos), razão x fé, controle x impulso, o amor a Deus e à mulher, sexo x castidade. As dicotomias do seminário iniciam toda a duplicidade das obras em si, e como aliadas uma da outra. Elas formam a simbologia de um ideal do seminário gerando uma duplicidade de temas, questionamentos e sentimentos narrativos. Para ambos, o seminário é o ponto de partida que abarca as futuras frustrações. Ser levado à força, ir a um lugar contra sua vontade desencadeia ações desastrosas para o lado psicológico do personagem. Abdicar de suas vontades pela vontade de outrem implica renegar sua identidade. Perdê-la é assumir que outra pessoa o comanda.

Associado ao seminário, a representação do duplo age através de recursos textuais. As fases do “antes e depois”, decisivas na vida dos personagens, como antes e depois de Eugênio receber a carta sobre o falso casamento de Margarida, antes e depois de saber que tudo isso era invenção, antes e depois de José saber

da morte de Kirsten. As cenas violentas são trabalhadas de modo simbólico e agressivo ao mesmo tempo, nas duas narrativas. Os interesses pessoais e alheios também influenciam no destino e no duplo dos personagens, sendo marionetes de outros e colocando sua intenção acima de outros. Ambos adotam um outro EU para lidar com os conflitos internos — por exemplo, José adota o codinome “Seminarista” depois de situações trágicas de sua vida, enquanto que Eugênio assume um EU dedicado à vida eclesiástica para suprimir a tristeza que o consumia depois do anúncio de casamento. As mães também jogam nessa perspectiva do duplo, porque são elas as responsáveis pela ida dos personagens ao seminário. Além disso, e não menos importante, a relação do fim trágico e do título das duas obras. Intitular uma história com algo que foi a origem do sofrimento do protagonista é inquietante e conflitante.

Se o duplo é um espelho, a obra de Rubem Fonseca é o reflexo da obra de Bernardo Guimarães. O personagem José externaliza sua raiva e desejos sem medo de repressão e utiliza os conhecimentos religiosos para atacar a própria religião católica. Isto é, o personagem na fase pós-seminário constrói uma autoimagem fazendo uso de uma linguagem erótica e violenta a fim de acabar com os preceitos morais e religiosos enraizados socialmente. Além disso, “matar com as palavras” salienta a ideia de comandar pessoas que não pensam com a própria cabeça. São “ovelhas de um rebanho” que seguem dizeres sem ao menos questioná-los. Isso é uma forma de morte lenta sem violência explícita.

A narrativa trabalha com a falsa ideia de transcendência, no sentido se elevar e se equiparar a um ser maior que os meros mortais, de um filho ser padre atendendo ao desejo de ascensão social da família e da sociedade que enxerga a servidão a Deus como uma dádiva, conforme se vê no seguinte trecho: “*Naquelas épocas de crença viva e piedade religiosa, ter um filho padre era um prazer, uma glória, de que muito se ufanavam os pais e as mães de família...”.* Diante disso, as mães dos personagens possuem papéis importantes na narrativa e no jogo do duplo. Elas forçam a ida ao seminário. De certa forma, colaboram para a perda de identidade e para as consequências futuras. O reflexo contido nas obras é obtido por causa das atitudes delas. Enquanto Eugênio tem uma mãe bastante controladora e determinada nos seus objetivos, em poucas passagens a mãe de José é mencionada e depreende-se que ele também entrou no seminário por causa dela .

As mães dos personagens impõem suas vontades acima do desejo do filho. Logo, a motivação de estudar a religião católica é unilateral, materna e problemática. Tornar-se padre é ser a representação de Deus na Terra, é conhecer e ter a sabedoria de um ser divino. A mãe nada mais é do que o agente das imposições que a sociedade católica - ainda que muitas pessoas tenham outras religiões ou não tenham nenhuma, a base da sociedade é católica, basta observar o calendário anual – exerce sobre as pessoas e nas vontades delas.

Ater-se aos estudos religiosos por vontade de outra pessoa e não por amor a Deus promove questionamentos sobre o celibato. Abandonar um amor intenso para viver da servidão a um ser onipotente e onipresente provoca dúvidas sobre o que realmente é viver da fé. Abdicar dos prazeres mundanos (relações sexuais e amorosas), vícios (bebida alcoólica e gula) e se dedicar aos fiéis católicos é motivo de questionamentos, tanto que, por diversas vezes, o personagem Eugênio trama fugas do seminário e imagina sua vida sem esse compromisso com Deus. Isso o faria abandonar uma mulher que o faz feliz e de bem com a vida para viver da reclusão e retidão de pensamentos ditos impuros. José, que vai contra essas privações, rende-se a tudo que seja contrário ao imposto pelas regras católicas: sexo sem pudor, relações com mulheres anônimas e descompromissadas com ele, rendição à gula e a leituras diversificadas e assassinato como profissão. Pode-se pensar suas atitudes como uma libertação de todas as amarras do seminário, visto que José não mantém certos hábitos comuns e corretos, pelo menos nos moldes católicos. Contrapõe-se, portanto, um personagem ainda preso, Eugênio, ao que sua mãe aplica como correto, um ser sem vontade própria e facilmente controlado por outro personagem, a José, que não se prende, vive sem controles e se livra dos pensamentos puritanos.

A condenação da libido ocasiona pensamentos furtivos e questionadores. Por que o personagem não pode casar ou manter uma relação sexual com uma mulher? Por que privar-se de algo que gera prazer e o faz se sentir bem? Por que servir a Deus é renegar todo o sentimento que vem de dentro? Por que o amor a uma mulher é algo proibido? Duvidar e questionar já são uma forma de rebelião íntima contra os dogmas católicos. Para Stevenson (Marly, 1986 Apud Stevenson, 1906), "*o desejo que busca prazer é fonte de destruição, e o controle social – a repressão desses impulsos, provoca conflitos fatais de identidade".* Cercear os desejos

inconscientes de um jovem que está numa fase de formação de identidade significa provocar um transtorno nas concepções sociais e religiosas. Pelo viés psicológico já detalhado, a duplicidade proporciona crises de identidade em um conflito interno, ou seja, projeta-se um outro Eu para lidar com as dificuldades externas. Os personagens passam por uma fase em que amores e momentos são perdidos e se adequam social e internamente para lidar com os fatores externos.

Nesse ponto, espelham-se o divino e o terreno, a fé e a razão. Os sentimentos e vontades expressos nas perguntas evidenciam as dúvidas em relação à crença do personagem Eugênio. Somente o ato de duvidar já é se pôr entre duas ou mais partes e indagar se é certo ou não. Margarida é vista como um ser venenoso que pode atrapalhar a entrada de Eugênio no seminário, porque a mulher tende a ser vista como um ser que possui artimanhas que desvirtuam o homem de sua predestinação. O sexo e o prazer são meios de não adorar a um Deus único e, por vezes, de até renegar sua existência. A mulher é, portanto, uma instância de distração, tanto no momento de entrar no seminário quanto na sua estada por lá, já que a reclusão e a solidão proporcionam pensamentos amorosos e sexuais os quais arruinariam seu caminho para a fé eterna.

José faz alusão aos pensamentos “promíscuos” de seu companheiro no seminário, D.S., ao relatar seu comportamento. Percebe-se uma normalidade nessas situações, pois são jovens com desejos velados num lugar sem chances de “escapar” e desfrutar do “pecado da carne”. Por isso, o desprendimento dele em relação ao sexo e às formas de obter prazer. Portanto, novamente se constrói o ideal do seminário como um campo de batalha entre os desejos individuais e a vontade alheia, como se não se pudesse ter uma religião sem abdicar de amores e sexo. Devido a isso, a crítica à Igreja é constante, mesmo que de modo sutil.

Os interesses espelham as narrativas. A mãe de Eugênio e o padre responsável pelo seminário armam uma mentira para que ele desista do amor e se entregue à batina. Eles dizem ao menino que Margarida o enganara e traíra sua confiança. Conforme diz Gustavo Bernardo (2014), “*ele decidiu se tornar padre antes por ódio do que por amor a Deus*”. O seminário marca uma fase de sua vida em que, além de sua vontade ser rechaçada por causa de sua mãe, a mentira prevalece. Como se sua vida fosse uma farsa, como se a fé fosse uma farsa visto que fizeram uso dela para atingir seus objetivos, como se só restasse servir a Deus

para satisfazer os desejos de outros. A fé implica uma reclusão obrigatória, como um castigo a si mesmo por acreditar numa pessoa que o enganara. Não ocorreu uma entrega pela dádiva de ser padre, mas sim uma perdição. Ele aprenderia a gostar, aprenderia a esquecer o passado. Logo, o seminário também espelha o uso da crença para enganar o próximo.

A farsa revela a duplicidade de um personagem e das próprias palavras utilizadas. As motivações da mentira são condicionamentos sociais e religiosos. O modo em que essa mentira é transmitida reflete o uso da linguagem. Mente-se para trazer uma nova verdade, a verdade que, por vezes, não é aquela em que se acredita, mas sim a que foi criada pela sociedade em que se vive. A manipulação das palavras é, portanto, o espelho e o "*próprio recorte que a linguagem faz da realidade, que é sempre arbitrário, imposto a partir de um determinado ponto de vista."* (Figueiredo, 2003).

O ponto de vista das obras volta-se ao tipo de enunciador. Na obra de Bernardo Guimarães, o narrador está em 3ª pessoa enquanto que, na obra de Rubem Fonseca, o narrador está em 1ª pessoa. A construção do ideal do seminário também perpassa essa perspectiva da narração. "*[...] a prevalência da primeira pessoa afirma sempre a mediação do olhar humano, coloca em evidência esse olhar que recorta o real."* (Figueiredo, 2003) Com uma narração permeada de vazios sobre o passado no seminário e sob a visão do personagem, representa-se um lugar que provoca distorções num ser, "*como a imagem de um espelho deformador" (*Marly, 1986). São descritos certos momentos da estadia no seminário os quais contribuem para que o narrador-personagem mostre as incoerências religiosas e suas motivações de revolta. Vera discorre que "o escritor de ficção é aquele que cria seus duplos através dos quais deforma e inverte sua própria imagem como num espelho" (2013, p. 58). Apesar de centralizar sua questão na noção de autoria, a autora expõe como as narrativas em 1ª pessoa possuem um autor empírico, produzindo e circulando sua narrativa como forma de reflexão sobre o processo literário. Portanto, a duplicidade, como resultado da relação dessas obras, volta-se também à forma como elas são narradas e, consequentemente, expostas ao leitor. A enunciação é um duplo por si só, pois evidencia "o mito do duplo [...] a tomada de consciência, por parte do personagem escritor, de que a voz se perde na escritura, vai levá-lo a inventa o seu 'outro', a criar aquele 'autor' fora do texto, em que residiria

sua verdade” (Figueiredo, 2013, p. 68). Os vazios se complementam, em muitas partes, na obra de 1872, como, por exemplo, certas práticas de religiosos que impulsionariam determinadas revoltas.

José e Eugênio são enganados por alguém próximo no seminário. Por causa da traição de seu amigo D.S., formado pela escola de assassinos – o seminário -, José volta à profissão que tinha abandonado, matador profissional, como uma forma de vingar ou abarcar sua tristeza em meio aos tiros que dá nas “encomendas”. Já Eugênio via o padre-diretor como um confidente o qual arma uma mentira para que se entregue mais a sua falsa vocação ao clérigo. O seminário deixa rastros de inimizades e gera farsas construtoras de futuros indesejados.

A ira e a revolta são os reflexos dessa farsa. Após a morte de sua amada, Eugênio fica “louco, furioso”. Tais caracterizações justificam as mentiras pelas quais passou e os efeitos na sua vida pós-seminário. José pode ser encarado como um personagem que indica uma continuação do personagem Eugênio. José é o sujeito que concentra toda a sua raiva e frustrações na ação de apertar o gatilho e disparar contra o corpo de sua encomenda. Os sentimentos de José são frutos, podres ou não, do seu período como seminarista. A revolta é uma forma de encarar o indivíduo como alguém capaz de subverter qualquer princípio e qualquer história.

Os títulos das obras realçam que o grande protagonista da narrativa é o seminário. As histórias se espelham e se complementam como um duplo diante da fase de preparação para ser padre. É um período em que os personagens vivem entre o profano e o sagrado, descobrem farsas sobre suas vidas e vivem dos desastres emocionais provocados no seu aspecto psicológico. As obras se enlaçam e permitem que se desenvolva uma discussão sobre o que é o seminário para a sociedade e sobre a visão dele para personagens que não queriam estar lá. Enquanto que, para muitos, é um lugar divino, pois prepara jovens para servidão a Deus, para essas narrativas, é uma escola de amargura e de assassinatos. Eugênio e José entendem da retórica e veem as mentiras a sua volta no período de formação de identidade em que ocorre a maturidade. A perda de identidade devido às imposições e crenças questionáveis gera prejuízo para as suas vidas, como a inibição de sua identidade e vontades. A duplicidade na temática encontra-se, principalmente, no título exposto acima. A representação do seminário em duas perspectivas evidencia o conflito do Eu com o Outro, sim, mas principalmente do Eu

consigo mesmo. A revolta contra o sistema origina a formação de pensamentos inconformados com a sociedade e até conformados com sua posição crítica e frustração pessoal.

Ao escolher o codinome “Seminarista”, José assume que é matador desde o seminário, revelando que foi esse momento que o deixou com instintos assassinos e com uma moralidade própria. Aniquilar a vida de outras pessoas e sobreviver da morte é o mesmo que se preparar para viver da fé. O “Seminarista” leva à morte enquanto que o seminarista leva à salvação e ao encontro com Deus. Depreende-se, portanto, a relação da duplicidade intrínseca até na escolha do codinome. Agora, o ex-seminarista expurga seus sentimentos num só ato.

A temática e a simbologia do seminário evidenciam-se, também, quando se pensa na época em que foram escritas. O romantismo, vigente na época em que *O Seminarista* de Bernardo Guimarães foi escrito, aborda esse assunto de modo indireto, com adjetivações excessivas, destacando a ingenuidade dos personagens e o amor como foco, ainda que em segundo plano. A interferência da religião católica na sociedade e a influência que exercia nas atitudes daqueles que viviam naquela época, 1872, proporcionava grandes temas voltados a esse assunto. O medo de não pertencer a uma classe e satisfazer a vontade de outros em detrimento da sua vontade era comum. Mais de um século depois, podemos ler *O Seminarista*, de Rubem Fonseca. Os crimes, a sexualidade aflorada, a libertação das escolhas vocabulares e o desprendimento promovem uma liberdade maior para falar de certos assuntos, como a religião e o poder que ela exerce. O seminário funciona como um personagem da mesma forma nas duas obras, gerando revoltas e frustrações, porém é abordado de maneira diversa.

As narrativas evidenciam e se complementam como um espelho, quando se percebe que, através do seminário se critica a religião em geral, a religião católica em particular. Os personagens revoltados dessas obras as configuram como anticlericais. José, ao afirmar que lê livro “*Deus um delírio*” de um ateu, Richard Dawkins, criticar a religião católica e ironizar os dizeres de santos, assume que a religião não é mais a direção da sua vida. Apesar de ela ser o cenário de um passado renegado, ela só existe para que ele se lembre de que ela o formou e o destruiu.

O reflexo de uma narrativa em outra, a singularidade da temática e a duplicidade de motivações proporciona à literatura uma transgressão. Ela possui problematizações e críticas ao seminário e à sociedade católica. Os autores utilizam os gêneros e as características de cada um para abordar o seminário como um divisor de águas na vida e nas atitudes dos ex-seminaristas. Eles fazem uso de momentos tensos de jovens em formação para revelar o que e quem os condiciona, os impulsiona e os revolta.

Desse modo, o seminário gera um duplo entre duas narrativas, equivalendo-as e provocando diversos questionamentos no leitor. O reflexo do seminário acentua as problemáticas de uma sociedade católica e as imposições dela, enfatizando a quebra das idealizações impostas pela religião católica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O seminário representado nas obras de Bernardo Guimarães e Rubem Fonseca funciona como um gatilho para que se perceba a atuação da figuração e do duplo. Os recursos textuais são apenas pano de fundo para a representação dos seminaristas. O mesmo título para duas obras afastadas por mais de 100 anos possui uma intencionalidade narrativa e social sobre a atuação das escolas eclesiásticas na vida dos personagens e na função do enredo.

Inserir padres e ex-seminaristas na literatura provoca certos questionamentos naturais sobre o meio religioso. Aliado à temática, os destinos de Eugênio e José se dão as mãos para a inevitabilidade de uma tragédia e para a consequente tristeza de seus futuros. O imaginário criado sobre esses seres, os seminaristas, que são vistos como anjos, se depara com a hipocrisia das práticas religiosas e dos próprios líderes supostamente santificados. A quebra do voto de castidade e a manipulação de situações a favor de seus interesses pessoais interferem na narrativa, revelando essa imagem de falsos profetas.

O celibato é o estímulo para que os personagens revejam seus conceitos sobre o que é servir a Deus e se há vocação para isso. Viver num eterno sagrado ou num eterno mar de tentações andam lado a lado como gêmeos siameses — afinal é difícil dissociar o controle do impulso, o ser assexuado do ser com prazeres. A repressão do inconsciente de jovens, para que não cedam aos amores mundanos, provoca deslizes emocionais e desvios sérios de personalidade. Manipulados física e mentalmente, os personagens exemplificam situações ora de violência simbólica ora de violência mais agressiva, justamente pelo poder de persuasão que os estudos bíblicos fizeram com eles.

O local do seminário, o perfil dos personagens e o drama implícito por trás dos nomes, bem como toda a enunciação, determinam a polifonia do seminário. O próprio celibato é desenhado com desdém e ironia. Obviamente, todos esses elementos perpassam a narração, ora em discurso indireto livre, ora em discurso direto. Os locutores guiam a narrativa, apontando caminhos de interpretações.

O duplo aparece como forma de síntese da atuação dos personagens em suas próprias histórias e na comparação entre elas. Cada ação e pensamento deles pode ser visto como duplicidade, já que eles vivem em constantes conflitos internos e externos. Os recursos textuais, como a violência, a linguagem e o caráter, são munições para atingir um alvo: a representação do seminário e de seminaristas. A psicologia e o conhecimento da História nos ajudam a entender certos comportamentos sociais e mentais os quais são influenciados pelo consciente e inconsciente dos personagens. Tudo se ajeita de forma que o inconsciente deles acredite que as suas atitudes se deram de forma consciente. Nesse ponto, entra a dicotomia razão x emoção, pois, tomados pelo sentimento de vingança e insegurança, agem mais pela emoção e manipulação alheia do que pelo viés racional.

Portanto, o título das duas obras leva o leitor a focar sua atenção primeiro no seminário, para depois perceber o fenômeno do duplo nos campos intratextual e extratextual. As narrativas, embora separadas entre si por tantos anos, podem ser concebidas como transgressoras, a ponto de provocar dúvidas fecundas nos seus leitores muito tempo depois de escritas.

REFERÊNCIAS

BERNARDO, Gustavo. *A Ficção de Deus*. São Paulo: Annablume, 2009.

BERNARDO, Gustavo *Como se faz Literatura Comparada? - I*. Disponível em: https://www.revista.vestibular.uerj.br/coluna/coluna.php?seq_coluna=71. Acesso em: 24 jun. 2020.

BERNARDO, Gustavo *Como se faz Literatura Comparada? – II*. Disponível em: https://www.revista.vestibular.uerj.br/coluna/coluna.php?seq_coluna=72. Acesso em: 24 jun. 2020.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CARDOSO, Fernanda. *Rubem Fonseca*: violento, erótico e, sobretudo, solitário. Disponível em: https://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/r00004.htm. Acesso em: 19 set. 2017.

CORDEIRO, Fernando Henrique Crepaldi. *O romance policial contemporâneo pelos caminhos da paródia*: uma vertente metalinguística. 2014. 311 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2014.

DE OLIVEIRA, Marly Amarilha. *Quatro variações sobre o tema do duplo:* Poe, Stevenson, Conrad e Rubião, 1986. Disponível em: periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/17545. Acesso em: 07 nov. 2019.

BITTENCOURT, Amanda R. *Borges e o outro: uma análise psicológica do duplo.* Disponível em: ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/Xsemanadeletras/comunicacoes/Amanda-Rosa-de-Bittencourt.pdf. Acesso em: 07 nov. 2019.

DUCROT, Oswald. *Esboço de uma teoria polifônica da enunciação*. *In: O dizer e o dito*. Campinas, SP: Pontes, 2003. Cap. VIII, p. 161 -218.

EÇA DE QUEIROZ, José Maria. *O crime do padre Amaro*. Porto Alegre: L&PM, 2013.

FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. *Os crimes do texto:* Rubem Fonseca e a ficção contemporânea. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. O assassino é o leitor. *Matraga,* Rio de Janeiro, v.2, n. 4-5, jan./ago. 1988.

*FLECK, E. C. D.; DILLMAN, M. "*E se o frade quiser ser perfeitinho": instruções para uma conduta exemplar do clero regular português no século XVIII. *Revista Maracanan*, Rio de Janeiro, n.20, p.30-50, jan./abr. 2019.

FONSECA, Rubem. *O Seminarista*. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

GUIMARÃES, Bernardo. *O Seminarista*. São Paulo: Ática, 1985.

GOMES, E.C.M. *Bernardo Guimarães, o crítico*. Disponível em: http://www.ufjf.br/darandina/files/2010/01/Ednaldo-C%C3%A2ndido-Moreira-Gomes.pdf. Acesso em: 27 maio 2020

ISER, Wolfang. *Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional*. *In: Teoria da literatura em suas fontes*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. v.2, Cap. 31, p. 955–984.

JUNIOR, Robert Daibert*. Entre homens e anjos: padres e celibato no período colonial no Brasil*. *In:* PRIORE, Mary del; AMANTINO, Marcia (org.). *História dos homens no Brasil.* 1.ed. São Paulo: Editora Unesp, 2013. Cap. 2, p. 49-84.

LIMA, Bruno. Os seminaristas de Bernardo Guimarães e Rubem Fonseca: leitura comparativa à luz dos ateus Dawkins e Eagleton. *Revista Estação Literária*, Londrina, v. 13, p. 396-410, jan. 2015.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Dom Casmurro*. Belo Horizonte: Garnier, 1988.

PAES, José Paulo. Por uma literatura brasileira de entretenimento (ou: O mordomo não é o único culpado). *In: A aventura literária*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

PINTO, Sílvia Regina. Notas sobre o realismo. *In*: DUBITO Ergo Sum Disponível em: www. dubitoergosum.xpg.com.br/a207.htm. Acesso em: dez. 2008.

PORTELA, Adriano. *Padre, celibato e literatura*: entre o sacrifício de Eurico e o Crime de Amaro. Disponível em: https://adrianoportela.wordpress.com/2016/04/21/padre-celibato-e-literatura-entre-o-sacrificio-de-eurico-e-o-crime-de-amaro/. Acesso em: 14 jan. 2020.

PORTELA, Adriano *O personagem padre como anti-herói nos romances realistas/naturalistas* luso-brasileiros. Disponível em: https://adrianoportela.wordpress.com/2016/04/21/o-personagem-padre-como-anti-heroi-nos-romances-realistasnaturalistas-luso-brasileiros. Acesso em: 14 jan. 2020.

RABATEL, Alain. *Homo Narrans:* por uma abordagem enunciativa e interacionista da narrativa: pontos de vista e lógica da narração teoria e análise. São Paulo: Cortez, 2016.

RANK, Otto. *O duplo*. Porto Alegre: Dublinense, 2013.

REIS, Carlos. Pessoas de livro: figuração e sobrevida da personagem. *Revista de Estudos Literários*, Coimbra, n. 4, p. 43-68.

ROSSET, Clément. *O real e seu duplo:* ensaio sobre a ilusão. Porto Alegre : L&PM, 1999.

SERBIN, Kenneth P. *Padres, celibato e conflito social:* uma história da Igreja católica no Brasil. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

SOARES. A. C. E. C. Representações Textuais da Masculinidade: o celibato clerical em “Ex-Homem” de José de Alencar*. Projeto História*, São Paulo, n. 45, p. 61-85, dez. 2012.

TODOROV, Tzvetan. Tipologia do romance policial. *In: As estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 2006. Cap. 2, p. 93 -104.